



Quando a Fé Se Enfraquece

Chamados à Essência

Gilberto Cipriano do Nascimento
(Organizador)



AYA EDITORA

2025



Quando a Fé Se Enfraquece

Chamados à Essência



Quando a Fé Se Enfraquece

Chamados à Essência

Gilberto Cipriano do Nascimento
(Organizador)



AYA EDITORA

2025

Direção Editorial

Prof.º Dr. Adriano Mesquita Soares

Organização

Gilberto Cipriano do Nascimento

Capa

AYA Editora©

Revisão

Dâmarys de Araújo Lima Nascimento

Executiva de Negócios

Ana Lucia Ribeiro Soares

Produção Editorial

AYA Editora©

Imagens de Capa

Gerada por Gemini Pro

Área do Conhecimento

Ciências Humanas

Conselho Editorial

Prof.º Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva (UNIDAVI)

Prof.ª Dr.ª Adriana Almeida Lima (UEA)

Prof.º Dr. Aknaton Toczec Souza (UCPEL)

Prof.º Dr. Alaerte Antonio Martelli Contini (UFGD)

Prof.º Dr. Argemiro Midonês Bastos (IFAP)

Prof.º Dr. Carlos Eduardo Ferreira Costa (UNITINS)

Prof.º Dr. Carlos López Noriega (USP)

Prof.ª Dr.ª Claudia Flores Rodrigues (PUCRS)

Prof.ª Dr.ª Daiane Maria de Genaro Chioli (UTFPR)

Prof.ª Dr.ª Danyelle Andrade Mota (IFPI)

Prof.ª Dr.ª Déa Nunes Fernandes (IFMA)

Prof.ª Dr.ª Déborah Aparecida Souza dos Reis (UEMG)

Prof.º Dr. Denison Melo de Aguiar (UEA)

Prof.º Dr. Emerson Monteiro dos Santos (UNIFAP)

Prof.º Dr. Gilberto Zammar (UTFPR)

Prof.º Dr. Gustavo de Souza Preussler (UFGD)

Prof.ª Dr.ª Helenadja Santos Mota (IF Baiano)

Prof.ª Dr.ª Heloísa Thaís Rodrigues de Souza (UFS)

Prof.ª Dr.ª Ingridi Vargas Bortolaso (UNISC)

Prof.ª Dr.ª Jéssyka Maria Nunes Galvão (UFPE)

Prof.º Dr. João Luiz Kovaleski (UTFPR)

Prof.º Dr. João Paulo Roberti Junior (UFRR)

Prof.º Dr. José Enildo Elias Bezerra (IFCE)

Prof.º Dr. Luiz Flávio Arreguy Maia-Filho (UFRPE)

Prof.ª Dr.ª Maralice Cunha Verciano (CEDEUAM-Unisalento - Lecce - Itália)

Prof.ª Dr.ª Marcia Cristina Nery da Fonseca Rocha Medina (UEA)

Prof.ª Dr.ª Maria Gardênia Sousa Batista (UESPI)

Prof.º Dr. Myller Augusto Santos Gomes (UTFPR)
Prof.º Dr. Pedro Fauth Manhães Miranda (UEPG)
Prof.º Dr. Rafael da Silva Fernandes (UFRA)
Prof.º Dr. Raimundo Santos de Castro (IFMA)
Prof.ª Dr.ª Regina Negri Pagani (UTFPR)
Prof.º Dr. Ricardo dos Santos Pereira (IFAC)
Prof.º Dr. Rômulo Damasclín Chaves dos Santos (ITA)
Prof.ª Dr.ª Silvia Gaia (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tânia do Carmo (UFPR)
Prof.º Dr. Ygor Felipe Távora da Silva (UEA)

Conselho Científico

Prof.º Me. Abraão Lucas Ferreira Guimarães (CIESA)
Prof.ª Dr.ª Andreia Antunes da Luz (UniCesumar)
Prof.º Dr. Clécio Danilo Dias da Silva (UFRGS)
Prof.ª Ma. Denise Pereira (FASU)
Prof.º Dr. Diogo Luiz Cordeiro Rodrigues (UFPR)
Prof.º Me. Ednan Galvão Santos (IF Baiano)
Prof.ª Dr.ª Eliana Leal Ferreira Hellvig (UFPR)
Prof.º Dr. Fabio José Antonio da Silva (HONPAR)
Prof.º Dr. Gilberto Sousa Silva (FAESF)
Prof.ª Ma. Jaqueline Fonseca Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Karen Fernanda Bortoloti (UFPR)
Prof.ª Dr.ª Leozenir Mendes Betim (FASF)
Prof.ª Dr.ª Lucimara Glap (FCSA)
Prof.ª Dr.ª Maria Auxiliadora de Souza Ruiz (UNIDA)
Prof.º Dr. Milson dos Santos Barbosa (UniOPET)
Prof.ª Dr.ª Pauline Balabuch (FASF)
Prof.ª Dr.ª Rosângela de França Bail (CESCAGE)
Prof.º Dr. Rudy de Barros Ahrens (FASF)
Prof.º Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares (UFPI)
Prof.ª Dr.ª Silvia Aparecida Medeiros Rodrigues (FASF)
Prof.ª Dr.ª Sueli de Fátima de Oliveira Miranda Santos (UTFPR)
Prof.ª Dr.ª Tássia Patricia Silva do Nascimento (UEA)
Prof.ª Dr.ª Thaisa Rodrigues (IFSC)

© 2025 - **AYA Editora** - O conteúdo deste livro foi enviado pelo autor para publicação em acesso aberto, sob os termos da Licença Creative Commons 4.0 Internacional (**CC BY 4.0**). Esta obra, incluindo textos, imagens, análises e opiniões nela contidas, é resultado da criação intelectual exclusiva do autor, que assume total responsabilidade pelo conteúdo apresentado. As interpretações e posicionamentos expressos neste livro representam exclusivamente as opiniões do autor, não refletindo, necessariamente, a visão da editora, de seus conselhos editoriais ou de instituições citadas. A AYA Editora atuou de forma estritamente técnica, prestando serviços de diagramação, produção e registro, sem interferência editorial sobre o conteúdo. Esta publicação é fruto de pesquisa e reflexão acadêmica, elaborada com base em fontes históricas, dados públicos e liberdade de expressão intelectual garantida pela Constituição Federal (art. 5º, incisos IV, IX e XIV). Personagens históricos, autoridades, entidades e figuras públicas eventualmente mencionadas são citados com base em registros oficiais e noticiosos, sem intenção de ofensa, injúria ou difamação. Reforça-se que quaisquer dúvidas, críticas ou questionamentos decorrentes do conteúdo devem ser encaminhados exclusivamente ao autor da obra.

Q1 Quando a fé se enfraquece: chamadas a essência [recurso eletrônico]. / Gilberto Cipriano do Nascimento (organizador) -- Ponta Grossa: Aya, 2025. 71 p.

Inclui biografia

Inclui índice

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-5379-910-3

DOI: 10.47573/aya.5379.2.503

1. Fé. I. Nascimento, Gilberto Cipriano do. II. Título

CDD: 234.2

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Bruna Cristina Bonini - CRB 9/1347

International Scientific Journals Publicações de Periódicos e Editora LTDA **AYA Editora®**

CNPJ: 36.140.631/0001-53

Fone: +55 42 3086-3131

WhatsApp: +55 42 99906-0630

E-mail: contato@ayaeditora.com.br

Site: <https://ayaeditora.com.br>

Endereço: Rua João Rabello Coutinho, 557
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
84.071-150

SUMÁRIO

Apresentação..... IX

Carta Aos Coautores - Gratidão e Convite..... XI

01

O Clamor de Éfeso: O Primeiro Amor Esquecido..... 1

Gilberto Cipriano do Nascimento

DOI: 10.47573/aya.5379.2.503.1

02

De Onde Caiu a Geração? A Fé Entre Avivamento e Secularismo.....7

Julio Cesar Sampaio de Abreu

DOI: 10.47573/aya.5379.2.503.2

03

O Mundo Está Mudando: Tecnologia, Pressa e Superficialidade18

Angela Vauthier

DOI: 10.47573/aya.5379.2.503.3

04

Quando o Ativismo Religioso Substitui a Intimidade com Deus29

Ronaldo Béco da Costa

DOI: 10.47573/aya.5379.2.503.4

05

Chamados para Discipular, não para Entreter36

Diogo Bruno Ferreira da Silva

DOI: 10.47573/aya.5379.2.503.5

06

Um Novo Começo: Convocação para Última Hora47

Adilson de Jesus

DOI: 10.47573/aya.5379.2.503.6

Organizador58

APRESENTAÇÃO

Vivemos um tempo em que a fé cristã tem sido desafiada não apenas por ataques externos, mas, sobretudo, por processos internos de diluição, acomodação e perda de essência. Este livro nasce dessa constatação pastoral, teológica e existencial. Quando a Fé se Enfraquece – Chamados à Essência não é fruto de inquietações teóricas isoladas, mas de vivências reais no chão da igreja, no exercício do ministério, no acompanhamento de pessoas e comunidades que lutam para permanecer fiéis em meio às pressões do mundo contemporâneo.

Ao longo dos últimos anos, tornou-se cada vez mais evidente que muitos cristãos continuam frequentando igrejas, participando de atividades e mantendo uma linguagem religiosa, mas experimentam um esvaziamento espiritual silencioso. A fé permanece no discurso, mas enfraquece na prática; o nome de Cristo é confessado, mas sua centralidade é relativizada; o ativismo cresce, enquanto a intimidade com Deus diminui. Foi a partir desse cenário que emergiu o desejo de reunir vozes que pudessem refletir, com honestidade e compromisso bíblico, sobre esse fenômeno.

Esta coletânea reúne seis capítulos que dialogam entre si, formando um percurso reflexivo e pastoral. Cada autor, a partir de sua experiência ministerial, acadêmica e comunitária, contribui para iluminar diferentes aspectos do enfraquecimento da fé e, ao mesmo tempo, aponta caminhos de retorno à essência do Evangelho. Não se trata de um livro acusatório, mas de um chamado amoroso à reflexão, ao arrependimento e à restauração.

O projeto se inicia com o clamor da igreja de Éfeso, símbolo bíblico de uma comunidade ativa, ortodoxa, mas que havia abandonado o primeiro amor. Em seguida, somos conduzidos a uma leitura geracional, cultural e eclesial que evidencia os impactos do secularismo, das mudanças sociais, do ativismo religioso e da substituição do discipulado por entretenimento. Por fim, o livro se encerra com uma convocação clara: ainda há tempo para um novo começo.

Como organizador e mentor deste projeto, creio que o maior mérito desta obra está na sua honestidade espiritual. Os autores não escrevem a partir de uma posição de superioridade, mas de corresponsabilidade. Todos nós, em maior ou menor medida, somos atravessados pelos mesmos desafios aqui apresentados. Por isso, este livro não aponta dedos; aponta caminhos.

Minha oração é que esta leitura provoque mais do que concordância intelectual. Que ela desperte consciências, confronte prioridades, reacenda a chama do primeiro amor e conduza o leitor de volta à centralidade de Cristo, à autoridade das Escrituras e à dependência do Espírito Santo. Quando a fé se enfraquece, o chamado permanece o mesmo: lembrar de onde caímos, arrepender-nos e voltar às primeiras obras.

Que este livro cumpra seu propósito: não apenas informar, mas formar; não apenas alertar, mas restaurar; não apenas diagnosticar, mas conduzir à essência do Evangelho.

Pr. Gilberto Cipriano do Nascimento

Organizador e Mentor do Projeto

CARTA AOS COAUTORES – GRATIDÃO E CONVITE

Queridos coautores,

Escrevo esta carta com o coração cheio de gratidão. Cada um de vocês aceitou fazer parte deste projeto em um contexto que, humanamente falando, exigia confiança. Muitos não me conheciam pessoalmente, outros apenas de forma pontual, e ainda assim decidiram caminhar juntos, acreditando na proposta, na seriedade do trabalho e, sobretudo, no propósito maior que nos uniu.

Isso não é algo pequeno. Em um tempo marcado por desconfiança, superficialidade e projetos vazios de essência, o simples ato de dizer “sim” já foi, por si só, um gesto de coragem e maturidade espiritual. Vocês confiaram não apenas em uma ideia, mas em um chamado.

Cada capítulo entregue carrega mais do que palavras: carrega experiências, dores, inquietações, convicções e esperança. Este livro não nasceu de vaidade acadêmica nem de ambições pessoais. Ele nasceu do chão da igreja, do ministério vivo, das conversas pastorais, das lutas silenciosas e do amor pelo Evangelho. Por isso, ele é verdadeiro. Por isso, ele tem peso.

Quero agradecer profundamente pela generosidade de cada um. Generosidade de tempo, de reflexão, de entrega e de coração. Vocês não escreveram para aparecer, mas para servir. Não escreveram para agradar, mas para confrontar, exortar e, acima de tudo, chamar à restauração da fé e ao retorno à essência.

Como organizador e mentor deste projeto, aprendi muito ao caminhar com vocês. Este livro me confirmou algo que carrego como convicção: Deus continua levantando pessoas sérias, comprometidas com a Palavra, que não negociam a verdade nem diluem o Evangelho para se adaptar ao espírito do tempo.

Finalizo esta carta deixando não apenas um agradecimento, mas um convite sincero. Este projeto não precisa — e não deve — ser o último. Há muito ainda a ser dito, escrito e compartilhado. Se em algum momento vocês sentirem novamente o desejo de caminhar juntos em novos projetos editoriais, saibam que as portas estarão abertas e o coração também.

Que este livro seja apenas o começo de outras parcerias frutíferas, sempre com o mesmo propósito: glorificar a Deus, edificar a Igreja e permanecer fiéis à essência do Evangelho.

Com respeito, admiração e gratidão!

Pr. Gilberto Cipriano do Nascimento

*Organizador e Mentor do Projeto
Heróis da Fé*

O Clamor de Éfeso: O Primeiro Amor Esquecido

Gilberto Cipriano do Nascimento

INTRODUÇÃO

A igreja de Éfeso, em seu aspecto profético, representa o estado da igreja em sua fase inicial após os tempos dos apóstolos. A era genuinamente apostólica perdurou até aproximadamente o ano 96 d.C. A partir daí, com o encerramento desse período, a igreja começou a ser gradualmente afetada por enganos e doutrinas distorcidas que se introduziram em seu meio.

Sendo o Apocalipse um livro profético, os nomes atribuídos às igrejas possuem também significado profético. Éfeso, cujo nome em grego significa 'desejável', aponta para uma igreja que, mesmo após o tempo dos apóstolos, ainda era vista como desejável aos olhos do Senhor.

Nem sempre a fé morre com um estrondo. Às vezes, ela apenas adormece — sutilmente, silenciosamente. Não por rejeição consciente, mas por distração constante. Foi assim com Éfeso. Uma igreja admirável aos olhos humanos: ativa, ortodoxa, resistente. Mas aos olhos de Cristo, algo essencial havia se perdido. "Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor." (Apocalipse 2:4)

A denúncia não era contra um povo rebelde, mas contra uma igreja atuante. Isso é o que torna o alerta ainda mais urgente para nós hoje. Em uma era de produtividade e engajamento religioso, podemos estar fazendo tudo certo... e ainda assim, estar longe. Como disse John Stott, "É possível trabalhar para Cristo de maneira incansável e, ao mesmo tempo, deixar de amá-lo como antes." (Stott, *O Que Cristo Pensa da Igreja*, 1994, p. 30).

Este capítulo é um chamado à reflexão. Um convite para silenciar a correria e ouvir o clamor do coração de Deus. A perda do primeiro amor não é apenas um erro; é um alerta de que a essência da fé está sendo trocada pela performance. E o convite de Jesus continua ecoando: "Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta..." (Ap 2:5a).

O problema de Éfeso é o mesmo que atravessa os séculos e chega até nós. Estamos cercados por comunidades ocupadas, ministérios lotados de agendas e atividades, cristãos engajados, mas muitas vezes esgotados, distantes e secos por

dentro. O fervor do início se perde no caminho, como uma brasa que se apaga devagar.

O teólogo John Stott observou com lucidez: “É possível trabalhar para Cristo de maneira incansável e, ao mesmo tempo, deixar de amá-lo como antes” (Stott, 1994, p. 30). Esta é uma das maiores tragédias espirituais dos nossos dias: a substituição da paixão por produtividade. A fé se torna um dever, o serviço vira rotina, e o coração já não queima mais como antes.

UMA IGREJA CORRETA, MAS INCOMPLETA

Éfeso era, do ponto de vista humano, uma igreja admirável. Trabalhadora, perseverante, cuidadosa com a doutrina. Jesus mesmo reconhece suas boas obras: “Conheço as tuas obras, o teu trabalho árduo e a tua perseverança” (Ap 2:2a). No entanto, toda essa dedicação não foi suficiente para esconder o problema mais grave: a ausência do amor essencial. Os efésios haviam abandonado seu primeiro amor! Como vimos, apresentava “obras, labor, perseverança”, mas essas qualidades não eram motivadas pelo amor de Cristo. O Senhor se agrada das obras, mas sonda os corações para ver com que propósito são feitas. (ver 1 Samuel 16:7).

Hoje, não é raro encontrarmos cristãos envolvidos com ministérios, atualizações teológicas, cultos online e eventos diversos. Mas o coração está longe. O que antes era uma paixão viva se tornou uma prática fria. Como disse Eugene Peterson, “A fé cristã não é movida pelo fazer, mas pelo permanecer em Cristo” (Peterson, 2020).

É preciso compreender que não somos chamados apenas a produzir frutos — somos chamados a permanecer na Videira. O ativismo sem intimidade é estéril. A ortodoxia sem amor é vazia. A igreja de Éfeso nos alerta: é possível fazer tudo certo e ainda assim estar espiritualmente errado. O Que É o Primeiro Amor?

O “primeiro amor” de que Jesus fala é aquele sentimento do início da fé, quando tudo é novo, vivo, vibrante. É a paixão que faz o coração queimar, o olhar se voltar constantemente para o céu e o espírito desejar mais da presença de Deus. É uma fé que ora com simplicidade, que serve com alegria, que chora na adoração e se alegra em obedecer.

Com o tempo, esse amor pode se perder, não necessariamente por pecado escandaloso, mas por descuido. O ativismo, a mágoa, o legalismo, a rotina — todos esses elementos podem silenciar o fervor do coração. Como afirmou A. W. Tozer, “A chama deve ser mantida acesa. Deus não quer apenas que comecemos bem, mas que permaneçamos apaixonados por Ele até o fim” (Tozer, 2020, p. 41).

E isso exige vigilância espiritual. A frieza não chega de uma vez. Ela se instala aos poucos, como um inverno que invade a casa pela fresta da janela. Um dia, você percebe que ainda está frequentando os cultos, cantando as músicas, mas o coração já não responde da mesma forma. O primeiro amor foi deixado para trás.

Não se trata apenas de sentir amor, mas de viver a partir dele. O amor é a fonte de tudo, é a essência do Evangelho e o combustível da missão cristã. Paulo

afirma aos coríntios que “ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine” (1Co 13:1). Isso nos mostra que o amor não é um detalhe da fé cristã – ele é o coração dela.

A ausência do amor não torna só a experiência espiritual insípida, mas compromete toda a eficácia do testemunho cristão. Quando o primeiro amor é perdido, substituímos a paixão pela performance, a presença pela pressa, e o servir pelo cumprir. Como escreveu Henri Nouwen, “a pergunta de Jesus a Pedro — ‘Tu me amas?’ — é a mais fundamental de todas as questões espirituais. A resposta a essa pergunta molda todas as outras” (Nouwen, 2002, p. 34). O retorno ao amor original é, portanto, o ponto de partida de toda transformação duradoura.

O CONVITE DE JESUS: LEMBRA-TE, ARREPENDE-TE, VOLTA

A resposta de Cristo é clara e cheia de graça. Ele não aponta o erro apenas para condenar. Ele chama para um retorno. A sequência é intencional: “Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras” (Ap 2:5a). Lembrar é reviver (literalmente, “continuar lembrando”). É trazer à mente os momentos em que a fé era viva, quando a oração não era obrigação, mas encontro. O arrependimento não é só um sentimento de culpa, mas uma decisão de mudança, confessar os pecados ao Senhor (1 Jo 1:9). E o “voltar às primeiras obras” é mais do que repetir ações — é reencontrar a motivação original: o amor. Essa tríade — lembrar, arrepender-se, voltar — é o processo da restauração à comunhão inicial, rompida pelo pecado e pela negligência. É um chamado à simplicidade. À essência. A um cristianismo menos performático e mais relacional. E isso, hoje, é urgente.

Apesar dos privilégios que havia desfrutado, a igreja de Éfeso corria o risco de perder a luz! Por mais correta que seja sua doutrina, a igreja que perde o amor logo perde também a luz. “Venho a ti” (Ap 2:5) não é uma referência a volta de Cristo, mas sim à vinda de seu julgamento naquele momento e naquele lugar. Hoje, a cidade gloriosa de Éfeso não passa de um montão de pedras onde não brilha mais luz alguma.

A restauração do primeiro amor passa, inevitavelmente, por uma espiritualidade mais simples, honesta e centrada em Cristo. Trata-se de voltar ao básico: oração sincera, leitura da Palavra com fome e comunhão com os irmãos. Como ensina Richard Foster: “As disciplinas espirituais são meios pelos quais colocamos a nós mesmos onde Deus pode nos transformar” (Foster, 2007, p. 10). O resgate do fervor começa na decisão de desacelerar e permitir que Deus reacenda o que se apagou.

Essa simplicidade não é mediocridade. É profundidade descomplicada. É a prática de um coração que diz: “Eu quero voltar ao centro de tudo. Quero reencontrar a alegria de ser amado por Deus.”

A COMUNIDADE COMO LUGAR DE RESTAURAÇÃO

Se por um lado o resgate do primeiro amor começa na intimidade pessoal com Cristo, por outro, ele se sustenta na vivência com outros. A fé não foi feita para ser vivida em isolamento. Somos corpo. Precisamos uns dos outros. O autor de Hebreus nos adverte: “Não deixemos de congregar-nos, como é costume de alguns, mas encorajemo-nos uns aos outros...” (Hb 10:25). E Paulo escreve aos coríntios que cada um tem dons diferentes, mas todos servem para edificação mútua (1Co 12).

A igreja, mesmo com suas falhas humanas, ainda é o ambiente onde dons florescem, onde o cansaço espiritual encontra apoio, onde o amor pode ser praticado e reacendido. Como disse Dietrich Bonhoeffer: “O Cristo na boca do meu irmão é mais forte que o Cristo no meu coração” (Bonhoeffer, 1939). Ou seja, ouvir a Palavra dita por outro nos alcança de formas que, às vezes, não conseguimos acessar sozinhos. A vida comunitária é o espaço da renovação. É nela que reencontramos sentido, somos desafiados a amar, perdoar, recomeçar e crescer.

A igreja, enquanto corpo de Cristo, é o lugar onde aprendemos a amar, perdoar, servir e crescer. É nela que somos desafiados a praticar o que cremos. O primeiro amor se renova quando o vivenciamos junto a outros. Isso envolve convivência, vulnerabilidade, correção, encorajamento mútuo. O mesmo Bonhoeffer escreveu com profundidade: “Quem não pode estar só deve se acautelar da comunidade. Quem não está na comunidade deve se acautelar de estar só. Ambos são necessários: a solidão e a comunhão” (Bonhoeffer, 1939, p. 60). A vida comunitária é o espaço onde o amor se torna concreto e desafiante.

PERMANECER ATÉ O FIM

Jesus termina sua advertência a Éfeso com uma promessa: “Ao vencedor darei o direito de comer da árvore da vida, que está no paraíso de Deus” (Ap 2:7). A jornada de fé não é apenas sobre começar bem. É sobre perseverar até o fim. O retorno ao primeiro amor não é uma volta sentimental ao passado, mas uma decisão firme de colocar o coração no lugar certo, novamente.

Como saber se estamos retornando ao primeiro amor? Há sinais perceptíveis: uma fome renovada pela Palavra, lágrimas durante a oração, um desejo profundo de agradar a Deus mais do que aos homens, o retorno à adoração simples e sincera, e uma disposição de servir sem esperar aplausos. Charles Spurgeon, em uma de suas mensagens sobre Apocalipse, afirmou: “O verdadeiro arrependimento é quando você começa a sentir saudades de Deus, não apenas medo do inferno” (Spurgeon, 1865). Isso resume bem o que ocorre no coração de alguém que volta ao primeiro amor: saudade da presença de Deus.

Vivemos tempos em que muitos cristãos se acostumaram com uma fé “utilitária”, onde Deus é buscado apenas para resolver problemas, dar bênçãos ou responder orações rápidas. Essa fé funcional esvazia o relacionamento com Cristo

e substitui a confiança pela expectativa de resultados. Quando Deus não faz o que queremos, achamos que Ele nos abandonou — quando, na verdade, fomos nós que deixamos o lugar da intimidade.

O pastor Hernandes Dias Lopes alerta: “A doença espiritual mais comum em nossos dias é o ativismo religioso sem intimidade com Deus. Estamos fazendo muito e sendo pouco” (Lopes, 2015, p. 47). Quando o serviço substitui o relacionamento, o cristão corre o risco de viver de aparência, enquanto o coração se distancia do altar.

A fé é como um fogo: precisa ser alimentada, cuidada, protegida. Se negligenciada, se apaga. Mas se reacendida, ilumina. Jesus ainda está batendo à porta, como em Apocalipse 3:20. Ainda está convidando, chamando, clamando. A questão é: vamos ouvir?

CONCLUSÃO

O clamor de Éfeso não é apenas histórico. É atual. É pessoal. A perda do primeiro amor não se resolve com mais agendas, mais ativismo ou mais cargos. Ela só se cura com arrependimento, reencontro e relacionamento.

O chamado de Jesus à igreja de Éfeso permanece ecoando hoje. Ele não nos condena por termos esfriado, mas nos convida a retornar. Seu amor permanece. Seu coração ainda clama. A restauração não é apenas possível — é desejada por Deus.

Ele não quer apenas o nosso serviço, nossa presença física, nossa atividade religiosa. Ele quer o nosso coração. E esse clamor não é para nos envergonhar, mas para nos despertar. A brasa que ainda resta pode se tornar fogo novamente. Basta um sopro do Espírito... e uma resposta sincera da alma. Voltar ao primeiro amor é voltar a Cristo. Não à estrutura, mas à essência. Não à religiosidade, mas à intimidade. Ele ainda chama. E quem tem ouvidos para ouvir... que ouça o que o Espírito diz à igreja.

A igreja de Éfeso tornou-se uma igreja negligente, formada por cristãos que permitiram que o amor por Cristo se esfriasse. Não corremos nós o mesmo risco?

REFERÊNCIAS

BONHOEFFER, Dietrich. **Vida em Comunhão**. Editora Sinodal, 1939.

PETERSON, Eugene. **Um Longa Obediência na Mesma Direção**. Mundo Cristão, 2020.

STOTT, John. **O que Cristo Pensa da Igreja**. Editora ABU, 1994.

TOZER, A. W. O Melhor de A. W. **Tozer: 52 Meditações**. Mundo Cristão, 2020.

A Bíblia Sagrada – Almeida Revista e Atualizada (ARA), Sociedade Bíblica do Brasil.

LOPES, Hernandes Dias. **Primeiro Amor**: O que Fazer Quando a Fé Esfria. São Paulo: Hagnos, 2015.

FOSTER, Richard. **Celebração da disciplina**: o caminho do crescimento espiritual. São Paulo: Vida, 2007.

NOUWEN, Henri. **O retorno do filho pródigo**. São Paulo: Paulinas, 2002.

SPURGEON, Charles Haddon. **Sermons on the Book of Revelation**. Londres: Passmore & Alabaster, 1865.

De Onde Caiu a Geração? A Fé Entre Avivamento e Secularismo

Julio Cesar Sampaio de Abreu

INTRODUÇÃO

De um modo geral o tema que constrói o título de nosso livro é tão comum quanto inquietante entre as conversas e opiniões descomprometidas e os discursos acadêmicos no seio da igreja brasileira contemporânea. Seja na familiaridade que não surpreende ou na indignação carregada de reações e ações diversas a religião e religiosidade deixaram seus “espaços sagrados” para dar sua face e se aliar ou aliciar com o que não mais se sabe se é profano ou mundano. A princípio, a imagem da secularização é associada ao pecado como ato concreto, bem definido biblicamente e rejeitado na tradição e ortodoxia da igreja organismo e organização. Mas, observando as evidências tão explícitas neste tempo das tecnologias e mídias sociais democráticas e inclusivas no destemor e desdor percebemos uma polarização paradoxal em que os extremos parecem convergir-se como se pontuados no início e fim de uma circunferência que se traça.

Ao tratarmos do distanciamento e queda da fé em um secularismo abjeto de pluralização e laicidade é preciso refletir no porquê da perda da influência e autoridade moral da igreja; e igualmente responder se na sua busca por Renovação ou Avivamento na restauração e retorno à Essência, os fiéis sabem do que estão falando. Neste capítulo convido você a um segundo olhar para dentro da distopia espiritual cristã evangélica que nos cerca e enxergar que ela é mais subjetiva e, assim mais perigosa do que aparenta. A relativização de uma igreja progressista e conformada com o mundo na denúncia do apóstolo Paulo (Rm 12.2) se configura de três modos: pela conformidade que não aceita, reprova, mas deixa de se opor e é omissa em sua missão por indiferença e covardia; pela conformidade que não reproduz as ideologias em suas ações, porém, considera politicamente correta e

válida no contexto social de quem o adota, seja o que for, na prática do respeito comum; e na conformidade que se deforma, compactua e se faz igual. Todas são evidentes e danosas, mas a grande ameaça e armadilha está na defesa equivocada, enganosa e, até malfazeja da espiritualidade.

Para entender o mal da enfermidade e obter a cura devemos discernir que além da superficialidade da forma e estética do pecado estão os valores, atributos e dons do caráter divino comunicados no Éden, restituídos na Cruz e professados pelos santos na teoria e ignorados numa práxis sacramental. Desejar, trabalhar e esperar que se repita o mesmo mover de há quatro décadas é, no mínimo, ingenuidade. O agir do Espírito Santo no contexto histórico de então transcende os símbolos que são a cultura e ideologia, economia e política e nos desafiam a viver a fé verdadeira, apaixonada e sábia no “habitat” selvagem da universalidade e globalização de agora.

O alerta é de que não sejamos iludidos e tenhamos a atenção desviada para os escândalos grosseiros, somente, como vulgarização da fé, baratear da doutrina e teologia e a espiritualidade rasa; pois a maior ameaça está no humanismo religioso auto convencido e firmado nas experiências e sentimentos pessoais ou na razão e no conhecimento científico e acadêmico próprio, sobre Deus; ambos ausentes de Deus.

Só poderemos resgatar a identidade da igreja, nossa identidade à imagem e conforme a semelhança do Senhor (Gn 1.26) (Ef 4.23,24) (1 Co 15.45) (2 Co 5.17) se reconhecendo o mal e confessando quem somos, nos rendermos à Sua vontade e vivermos a essência naquilo que nos foi chamado e proposto a fazer.

Lembrando dos capítulos 17 a 21 em Juízes, não podemos criar os deuses para se adorar em cada interesse e contratar sacerdotes mercenários particulares pelo preço que os tais se vendem, em um tempo sem rei, sem governo, ordem, respeito, temor em que cada um faz o que quer e acha melhor para si mesmo. Ou em que tendo um rei e um Deus, da casa de Davi ocorre o desvio, corrupção, queda e divisão do reino pela estupidez e despotismo de Roboão, (1 Re 11;12) levando ao pecado e igual rebeldia: Jeroboão. O que desencadeou templos e altares de idolatria e falsos sacerdotes e profetas na história. A lição não aprendida continua a fazer réus e vítimas entre irmãos como no primeiro homicídio em que houvera uma diferença no culto e oferta oferecida ao Senhor. O mal não estava na oferta de Caim, mas no ofertante. (Gn 4.1-16)

A religião sem Deus deste tempo da pós-modernidade e hipermodernidade é um morto vivo, “um zumbi” presente com um exército de devoradores, incluindo os obreiros, sacerdotes e teólogos na pretensa defesa da fé.

A igreja sempre lida com os crentes e lideranças que no seu serviço fazem mais estrago do que benefício pelas suas ações e palavras intempestivas. Poderíamos pensar com discriminação que isso ocorre entre pessoas apaixonadas pouco preparadas para testemunhar o Evangelho, com precário conhecimento bíblico, baixa formação escolar e socialmente mal-educadas. Mas, não é bem assim. Sem generalizar, entre aqueles com uma alta formação em nível superior, mais de uma graduação, cursos de até pós doutorado, também acontece. E quando a formação

acadêmica é centrada nas Teologias sob o uso acessório das ciências humanas pares, como Filosofia, Sociologia, Psicologia e as demais que nelas se encontrem, dando-se o homem a se honrar de superior (Fp 2.3) e a missão de “Apologética” da fé, o prejuízo é maior. Dotados de mais recursos e exposição pública, quando perdem, no mínimo, o bom senso fazem muito mal e para mais gente.

TODOS NA HIPERMODERNIDADE

Em seguida à pós-modernidade a expressão hipermodernidade desponta nos meados da década de 1970 e ganha na prática sociológica diária o que seria uma teoria premonitória. Conhecemos o significado do prefixo: hiper como algo muito grande, maior que os maiores; e no sentido filosófico se refere ao que extrapola sem contenção o que se evidencia além do que seria um desenvolvimento normal, natural. Descreve o que se vê em toda parte com mudanças aceleradas e, sobretudo, exageradas, repletas de contrastes e paradoxos entre afirmações de incertezas absolutas e as certezas relativas.

A consciência e resposta do indivíduo e da sociedade ao que é o mundo em que se vive, alcança a todas as áreas e pode ser pontuada. A igreja, pessoa e coletividade, não estão de fora das ações e reações desse tempo e lugar de discursos, opiniões, escolhas e informações obtidas e compartilhadas livremente como se entenda, ou bem ou mal e quase sem filtros ou limites, transformando comportamentos e formando hábitos. A religião aflora e não se esconde; é ostensiva e disponibilizada nas estruturas físicas e nas redes sociais, como nunca se imaginou, tendo sido alavancada sob o impulso da pandemia. E os evangélicos têm ao seu dispor, como todos os grupos e de modo geral um apelo ao estudo e formação em todos os níveis e para todos os gostos, interesses e capacidades. Em nome da fé defendida, qualquer um pode achar o que procura e o que detesta.

HIPER ANTIGUIDADE COMPORTAMENTAL

Minha observação não se dá pela quantidade ou qualidade do que está sendo tão facilmente oferecido. Mas, o modo como uma tão grande parcela do “povo crente” que busca uma melhor formação, serviço e culto está fazendo uso delas. É certo que na Bíblia encontramos o chamado de Deus ao estudo e meditação de sua Palavra - Revelação sob a possibilidade de cada um em sua natureza e contexto. Porém, é o propósito e intenção do coração, o fruto e resultado do conhecimento que estão em risco de reprovação e, até condenação. O comportamento que analiso e ofereço crítica não é novidade na espécie humana. Este ser que em toda a história, por vezes impõe seu conhecimento sobre os que sabem menos e exerce um relacionamento de poder e domínio sociocultural e muitas vezes, opressor. Em seja qual for o tipo e o grau desse conhecimento, de fazer coisas ou falar das coisas, há um trânsito pelo limiar do princípio da queda.

Refiro-me ao sentimento e arrazoar ocorrido no Éden, que levou Adão a buscar um conhecimento que se sobrepunha ao que já possuía em seu relacionamento com Deus, e que não lhe bastava, rejeitando a ideia de ser inferior e buscando em ingratidão e desobediência o ser igual. Uma proposta enganosa induzida por quem quis estar acima da honra e glória que já recebera. Compartilhando o assunto com um grupo de pastores, um deles lembrou da afirmação que ouvira de que o pecado de Adão não foi moral, mas de fundamento filosófico; foi “epistemológico”: no querer saber da natureza, origem, desenvolvimento e final do próprio conhecimento em si e possuir o poder de administrá-lo, dando a seu ego a centralidade da razão, arbítrio e decisão. Assim, o pecado original se renova e repete.

Essa atitude, doença da alma, desvio de caráter e pecado é uma só excreção da vulnerabilidade humana que sendo incapaz de reconhecer e assumir essa rebeldia, se esconde em uma busca hiperteológica em nome de Deus. Qualquer um que procure se aproximar de Deus, estudando, ou não, um pouco mais, está sujeito a lançar no rosto dos outros a santidade e o conhecimento que pensa ter e saber adquirido quando se convence de ser alguém bom em sua própria iniciativa. E quando os “milagres” e “diplomas” trazem aplausos e elogios aos leigos e aos teólogos e, estes, empoderados pelos respectivos assédios, não mostram intimidade ou sabedoria no conhecimento de Deus, vindo de tais teólogos o problema é maior em vista da autoridade que as academias do conhecimento inevitavelmente impõem.

HIPER SUPERIORIDADE INTELECTUAL

Mais do que a sujidade dos pecados que a própria sociedade pratica, porém, se escandaliza ao vir da igreja; ou a pauta “Woke” com seu discurso ideológico liberal e de esquerda, na imposição do que chama ser inclusão social, racial e de gênero; os “coaches” gurus espirituais; as “new churches” com áreas vip, espaços gourmet, “shop points”; a idolatria de celebridades “gospel” como cantores e falsos profetas e, ainda, pastores mirins. O sagrado tornado “coisas”, ganha nas mídias, veneração ou a crítica cruel, mesmo da igreja. Que tipo de crentes são esses? E que pastores esses são, que transformam os altares em picadeiros, os cultos em “shows” e os púlpitos em cochos de pocilgas? O espírito que provoca essas manifestações não é o Espírito.

Mas, vê-se uma igreja indignada e combativa desses desmandos ruindo na vulnerabilidade de sua força própria. Comparo à um exército que na defesa do que possam ser os pontos fracos de seu castelo, carrega tudo o que tem para onde acontece o alarde dos ataques e desguarnece as portas e muros do que acredita ser seus pontos fortes, deixando-os nas mãos de líderes como Sansão, confiado num legítimo chamado e aliança do passado, ou o zeloso Saulo, irrepreensível fariseu doutor da lei. O perigo é não reconhecer o inimigo que já está do lado de dentro; na religiosidade corrompida num coração enganoso e enganado.

Jesus enfrentou a liderança religiosa dos Saduceus e Fariseus, que se constituía a exclusiva representação e tradição da fé e lei dos judeus. Os dois

grupos eram, na verdade, inimigos que com interpretações teológicas doutrinárias diferentes, se toleravam na divisão do poder sobre as parcelas da população e ante a ameaça do império. (Mt 22.23-34) (Jo 11.46-48,53) Uniram-se para matar o Messias.

Hoje, há um número de teólogos evangélicos produzindo uma regressão e degradação na reinterpretação dos “princípios” na tentativa de retorno a eles. É um movimento de volta do clero e aristocracia magisterial romano da contrarreforma, quando a igreja católica de então se lançou a combater e impedir o pensamento e proclamação insurgente ao seu interesse e poder. Uma postura eivada em partidarismo nepotista de reivindicação do conhecimento exclusivo para perpetrar julgamentos sobre quem não professe crer na mesma cartilha-confissão. Alguns mestres e doutores das Escrituras, estão imitando e perpetuando a intolerância da Inquisição e “Santo Ofício”, passados 500 anos. Mas, o fazem com o diferencial de produzir teologia criticista e ceticista que se estriba numa filosofia rasteira, no cientificismo humanista de um “renascimento” mórbido e “iluminismo” obscuro, negando a impossibilidade do desconhecido, do mistério divino com a racionalização de seu dogma compulsório. A discussão e discurso intelectual dos que tropeçam neste tipo de academicismo deixa distante o cerne das Boas Novas, a essência da Palavra revelada, o fundamento da Fé para se dedicar à busca do que possa ser descoberto por uma hermenêutica e exegese convenientes, que os outros não alcançaram.

Usando a metáfora da culinária, são os atores de um “reality show” de cozinha em que chefes se exibem no preparo de seus pratos disputando a glória. Mas, em lugar de produzir o prato, inesquecível, de sabor, aroma e beleza que levariam a todos a repetir, querer a receita e serem sarados com suas qualidades superiores, dedicam-se a falar do que acham ser as virtudes e defeitos de cada ingrediente, dos elementos que os compõem, em seus pormenores, a descrever os utensílios e acessórios de suas cozinhas profissionais e não terminam o prato, não comem, nem dão de comer aos que têm fome; e também, desacreditam aos que preparam o simples pão.

No intuito de defender uma fé, um credo, uma doutrina, uma só teologia protestante, reformada ou pentecostal, ortodoxa ou contextualizada, num discurso unívoco e absoluto, forma-se um campo de batalha contra toda a pluralidade de discursos diferentes do seu grupo sob a acusação de heresia em uma apologética orgulhosa e arrogante. Desprezando a unidade nas muitas línguas, concedida no Pentecostes, voltam à uma Babel em que cada um quer construir a própria torre. Estamos testemunhando embates públicos de oradores pela última palavra ou, simplesmente, um exibicionismo para plateias consideradas ignorantes. E quando alguém questiona, as respostas de argumentação do saber são acompanhadas de desprezo, chegando à ironia e deboche; e se não há uma violência física contra o irmão, há uma brutalidade indireta no ataque ao simples pensar e à sua produção intelectual.

Não estou negando a importância e obrigação de combater o veneno das heresias, sejam elas sofisticadas ou grosseiras. Chamo a atenção para o valor que

estão dando às doutrinas da doutrina, falando demais de detalhes não esclarecidos e deixando de viver o essencial. Coando mosquitos e engolindo camelos. (Mt 23.24) Aquilo que em 2 mil anos de história da Igreja se discute buscado uma resposta e encontrado muitas. As mesmas questões que são explicadas de modo diferente e oposto com avidez, porém, sem o poder de convencimento que só o Espírito Santo de Deus pode dar. Firmados no próprio entendimento, parece que o Senhor nem mesmo é consultado, pois a sabedoria que possuem vem dEle; já a tem; dizem. É a imagem turva que transmitem sobre o brilho que pensam ter.

HIPER DISTANCIAMENTO DA BÍBLIA

O tipo de saber dos tais eruditos de Deus os afasta de Deus e faz esquecer de Deuteronômio 29.29, decretar sua invalidação ou, apenas lhes dar a interpretação tendenciosa de que as “coisas encobertas” são as que ninguém chegou a pensar e jamais irá inquirir, pois nem mesmo foram escritas. Então, tudo o que está na Bíblia, eles sabem; e se não sabem tudo, sabem mais que todos! Ou, que a reflexão de Salomão em Provérbios 25.2 ratifica o livre direito do rei (homem) em explorar, buscar e querer saber, a qualquer custo e dar a resposta que entender sobre o que Deus ocultou em seu direito soberano, colocando limites; mas, não para eles. Mais: que a afirmação de Jesus citada em Atos 1.7 no palco de sua assunção seja restrita a questão e historicidade da data de seu regresso e não caiba uma definição de limites do saber a serem aceitos e obedecidos pela fé, com humildade e alegria.

Pois, esses tais, com os títulos ministeriais que ostentem, reivindicam a sua autoridade, também, no crescimento físico da membresia local ou virtual de seus seguidores. E cada um, achando seu grupo, se fecha em torno da teologia que entende e como lhe interessa tomando partido por um “mestre” de renome, dizendo-se desta ou daquela corrente, denegrindo os diferentes. Se apossando dos nomes de teólogos, como de Agostinho e Pelágio a Calvino e Armínio e de famosos da modernidade e contemporâneos, arvorando as bandeiras de teologias e doutrinas milenaristas, dispensacionalistas, socialistas, anarquistas ou contrárias a estas, do alto de seus “andores” se mostram inflexíveis em seu credo e intolerantes no do irmão. Esses expoentes que sem ideias próprias, repetem o que os “grandes” teólogos disseram, se fazem discípulos medíocres e admiradores idólatras pois insistem em citar os nomes de quem são seguidores provocando divisão, partidarismos e contenda; e abandonam o cerne da Palavra de Deus, como se vê em 1 Coríntios 1.10-13, apropriada para esses casos. No texto, Paulo recrimina essa divisão de ajuntamento e contenda em torno de seu nome e outros: Paulo, Apolo, Cefas e Cristo.

E em mais duas Cartas Pastorais encontramos mais advertências contra a postura facciosa e danosa destes maus fazedores da teologia. Na primeira, admoesta sobre o ensino que mais promove discussões do que o serviço de Deus. (1 Tm 1:3-7) E a segunda, (Tg 3.13-18) completando a anterior, se exorta e denuncia com mais rigor o comportamento que Deus reprova ao dizer que a inteligência e conhecimento que guarda inveja, amargura, rivalidade, confusão não é verdadeiro na sabedoria

de Deus; é antes, terreno, animal e demoníaco, faltante do fruto da pureza, paz, amor fraternal, misericórdia e justiça que cabe haver. E, outra, ainda: que esses são carnavais em tempo de ser espirituais. (1 Co 3.1-3) Pois que devendo ser mestres necessitam de se alimentarem dos rudimentos da fé. (Hb 5.12-14) Rudimentos que não são o alto conhecimento da Letra em uma interpretação hermenêutica de forma ou método qualquer, mas o Espírito do Verbo Vivo em uma vida relacional íntima, constante e dependente com fidelidade e gratidão pela graça em que foi alcançado e é sustentado: Aquele de quem os homens falam e criam as suas doutrinas sem O conhecer.

HIPERTROFIA DA DOCTRINA

Doutrina não é o ensino ditado como diretriz, norma e alguma lei seca e inflexível da religião a qual se deva obedecer por ser chamada de Doutrina, como a maioria dos cristãos possam crer. A doutrina é mais ampla, está na base social da coletividade humana buscando auxiliar a entender, regular e normatizar as relações sob uma ética que a todos contemple. A Filosofia e Sociologia falam de Doutrina e ajudam a vê-la como deve ser. As duas ciências cooperam no entendimento, mas não devem assumir a autoridade no estudo da Teologia. Talvez, o não enxergar o favor das ciências, seja a razão de alguns teólogos se perderem no manuseio da Doutrina, confundirem as partes com o todo; e embasados no respeito que se deve dar às teorias como tentativas legítimas de busca por respostas, escolhem uma que seja mais próxima de seus conceitos e pré-conceitos e as transformam em regra, desrespeitando a todos, chamando-a de Doutrina. (Is 28.10)

A Doutrina ou as Doutrinas, como se apresentam na Teologia são de vital importância que sejam formadas sob o crivo do Deus da Revelação, e não, apenas, sob um entendimento bem-intencionado dos pesquisadores e estudiosos. Tudo o que fazemos advém de nossas crenças e determinará o destino de nossa alma, de nossa existência. Uma crença e conduta erradas fazem errar o caminho.

Na apreciação e referência do livro: Conhecendo as Doutrinas da Bíblia (Myer Pearlman) Ed. Vida, 2006 - www.semeadores.net – págs. 9 a 11 em que trata do Valor da Doutrina, resumimos:

- Vale a Doutrina pelo poder de suprir a necessidade da Crença, não se restringindo a um Credo como declaração exclusiva e autoritária.
- Vale a Doutrina porque não se submetendo ao Credo, impede a geração do Dogma como afirmação arbitrária sem base sólida, em meio a negação da dúvida evidente dos que defendem interesses e para justificar ações.
- Vale A Doutrina pela luz que é lançada nas trevas do erro, onde muitos permanecem seguros, inconscientes de sua cegueira. O verdadeiro conhecimento doutrinário promove o equilíbrio da fé emocional com a racionalidade transformadora.
- Vale A Doutrina pelos frutos no caráter do crente, uma vez que bem definidas, não deixam dúvidas sobre a Crença. Ou seja: a religiosidade

não será vivida sem sabedoria ou firmeza. Mas, com convicções onde será possível ao dar a razão de sua fé e esperança, oferecer um testemunho crível de vida transformada e transformadora.

- Vale A Doutrina pelo que é impossível chegar-se a Deus sem fé, e a fé vem pelo conhecimento e entendimento da Palavra. Na Revelação encontramos um Deus ordeiro e, não de confusão. A Doutrina é a expressão de sua verdade e deve ser a conexão acessível e simples a sua pessoa divina para toda a humanidade.

ENTENDENDO O QUE SE LÊ

Enfim, ante à insistência, segurança e ousadia das afirmações desses irmãos, corremos o risco de acreditar como Doutrina, sem entender, por uma coação e coerção despercebida e uma ausente testificação do Espírito Santo, posto que Ele, Deus não disse o que dizem. Não é impossível que algumas afirmações cheguem a estar certas e sejam sabidas no dia em que o Soberano Deus as revelar e fizer cumprir; e é óbvio que se confirmarão muitas afirmações erradas. A grande questão está na soberba de se dizer isso ou aquilo sem a sólida clareza da afirmação divina e amparados nas ciências das interpretações humanas. Os “mestres” que se dão a isso são prolixos no uso dos textos bíblicos, divergindo entre si e, não satisfeitos, suscitam e inflamam aos irmãos e formam iguais discípulos a tomarem igual partido, uns contra os outros. Não é a argumentação humana, mas a sabedoria e poder do Espírito, quem revela as profundidades de Deus. (1 Co 2.1-10) O verdadeiro ensino conduzido por Deus não distancia; atrai e produz vida como o fez com Filipe pelo ministro da rainha Candace, dos etíopes. (At 8.26-40)

Todos somos livres para pensar, examinar, analisar, ponderar e tecer nossas críticas e opiniões sobre o que recebemos. Crentes tementes a Deus, não deixam de ser humanos falíveis e passíveis de engano. É importante que tenhamos nossas convicções sob equilíbrio e as submetamos ao Senhor, em nossa vida e nosso chamado como discípulos na missão de testemunhar. Mas, não podemos transformar a crença pessoal que nos satisfaz e não é absoluto em uma Doutrina, com todo o significado e poder do que é a Doutrina. Nem, embriagado no orgulho, discursar sem ética e respeito. Ouvi, certa vez, visitando uma igreja, um pastor convidado ministrar em Apocalipse iniciando assim: — “Irmãos, a maioria do que vocês ouviram até hoje sobre Escatologia está errado; sou mestre e vou ensinar a verdade a vocês”. Não é um caso único, infelizmente.

Por inquestionável confirmação, lembremos do encontro de Jesus com os discípulos a caminho de Emaús. (Lc 24.30-32) O mestre discorria com eles e ensinava o que havia nas Escrituras como somente o Autor e Teologia Viva poderia fazer e, ainda assim não o reconheceram. Os corações ardiavam enquanto ouviam, mas não fora o bastante. Foi no partir do pão, na intimidade da casa, da porta que se abriu para que Ele entrasse, na experiência pessoal da bênção doada e recebida foi que os olhos se abriram e o Salvador se revelou. Não foi um episódio

exclusivo, mas de eterna significância para a igreja. Apenas com a palavra para o intelecto sem a presença do Verbo, do Espírito não se passa da morte para a Vida no poder de Deus. (2 Co 3.6) Paulo entendia isso e ensinou à igreja com alegria, fé e humildade; (1 Co 13.12) e João com os mesmos olhos de esperança aguardava o dia de ver e conhecer o amado Salvador “assim como Ele é”. (1 Jo 3.1-3)

Concluo a visão que lhes aponto com a citação com que Padre Antônio Vieira encerra seu Sermão da Sexagésima, pregado na Capela Real em Lisboa após a chegada do Maranhão, no ano de 1655. Falando a pregadores na ocasião, vemos como é atual para os mestres de nosso tempo.

“Enfim, para que os pregadores saibam como hão de pregar e os ouvintes a quem hão de ouvir, acabo com um exemplo do nosso Reino, e quase dos nossos tempos. Pregavam em Coimbra dois famosos pregadores, ambos bem conhecidos por seus escritos; não os nomeio, porque os hei de desigualar. Altercou-se entre alguns doutores da Universidade qual dos dois fosse maior pregador; e como não há juízo sem inclinação, uns diziam este, outros, aquele. Mas, um lente, que entre os mais tinha maior autoridade, concluiu desta maneira”: — «Entre dois sujeitos tão grandes não me atrevo a interpor juízo; só direi uma diferença, que sempre experimento: quando ouço um, saio do sermão muito contente do pregador; quando ouço outro, saio muito descontente de mim».

AVIVAMENTO É A ESSÊNCIA

De tudo o que já falamos sobre o Secularismo da igreja, a solução em que se concorda por um Avivamento ou Renovação espiritual fica infrutífera se o crente não sabe o que é e qual é o seu papel. Avivar é trazer vida aonde essa se esvai; na metáfora do fogo, reacender a chama onde só ou ainda haja uma brasa coberta de cinza. Renovar, tem sentido igual, mas fazemos uso para descrever a bênção numa extensão de tempo, lugar ou contexto um pouco menor. — Coisas da Teologia.

Falando do assunto recorramos a alguns textos para validar o discurso:

(Hc 3.2) (Sl 85.6) (Sl 119.107) (Sl 143.11) (Jo 5.21)

Em um artigo da Editora e Ministério Fiel, datado de 9 de julho de 2012, assinado por Gilson Santos, são analisadas, pela crítica acadêmica teológica as “perspectivas” de um Avivamento por: Jonathan Edwards e Charles Finney. Homens reconhecidos expoentes de avivamentos nos sec. XVIII e XIX. Nomes referência de evangelistas que viveram o Avivamento e foram agentes de avivamento. Veremos um pouco do que diz.

Pergunta-se: Avivamento é obra de Deus por Sua soberania; acontece, somente, com a participação do homem; ou o homem é capaz de fazer acontecer? A discussão se confunde com a Doutrina da Salvação em que sendo pela Graça exige do salvo as boas obras que a comprovem e conservam na Santificação e Justificação para a Redenção. Daí, o que somos confrontados a reconhecer é que não podemos generalizar o mover de Deus sobre a igreja ignorando que a igreja somos nós; cada um dos salvos em sua privacidade que agregado na comunhão

e unidade do Corpo de Cristo deve fluir sempre a chama da Vida; e que por não permanecer no vigor da Vida, carece de avivamento.

A verdade é que em nosso sincero fervor e indignação contra todo o mal não somos tão sábios como pensamos ser e agimos ou deixamos de ser e agir como quer o Senhor para testemunhar de Seu poder, amor e juízo enquanto clamamos por avivamento. Falamos muito mais do que vivemos porque não sabemos o que vivemos. As imagens primeiras, de avivamento ou renovação que nos vêm à mente quando falamos do assunto, são grandes reuniões, cultos, campanhas com as manifestações sobrenaturais do Espírito Santo, milagres e as reações de excitação levando a igreja a sair das quatro paredes para o mundo no impulso evangelístico. As considerações levantadas sobre o parecer, a experiência, os ensinamentos e assertivas dos dois nobres evangelistas avivalistas na história destacam um contraste de posições na defesa do que seja avivamento, ainda em discussão, entre o manifestar incomum de êxtases no Espírito Santo ou a permanência consciente e racional no padrão estabelecido por Deus.

Edwards foca na centralidade e soberania exclusiva de Deus e incapacidade humana para acontecer; afirma ser uma visitação divina e nomeia princípios de identificação, como: “manifestações exteriores de experiências extraordinárias não são sinal fidedigno de espiritualidade e obra genuína do Espírito; esta produz mudança radical na alma, que expressa comportamento e prática novos, progressivamente para a imagem de Jesus”. De fato, concordamos e acrescentamos que tais ocorrências se dão em intensidade diferentes em pessoas diferentes e tempos diferentes; mas, debatemos se um avivamento se evidencia através de sinais crescentes ou somos surpreendidos de forma súbita sob o plano de Deus.

Finney, por sua vez, diz o artigo, faz sua defesa argumentando que podemos alcançar o avivamento, simplesmente utilizando os métodos adequados, que em seu entender deva ser a prática da vida obediente à vontade de Deus. Em sua ótica era uma questão filosófica natural em se conhecer o que fazer e não procrastinar, apenas orando e transferindo a Deus a responsabilidade. Ele era explícito em seu discurso assegurando que avivamento não é “milagre”; e que os milagres são ferramentas do avivamento e devem ser usados como fizeram os apóstolos, testificando da autoridade divina.

O que resulta dos discursos é que ambos, bem entendidos, se completam no desejo e fidelidade nossos e na soberania e sabedoria divina. Mais uma vez, não há de se tomar o partido de um ou outro lado. A busca pelo avivamento trilha nas corretas razões teológicas sob o fôlego e essência do Espírito e renuncia à justiça pessoal (Fp 3.8) para ser achado em Cristo, para que Ele cresça e nós diminuamos. (Jo 3.30)

A vida do crente é a vida da Fé; e esta, com letras maiúsculas, significando o pleno conjunto da Revelação e Propósito divino e nossa crença absoluta de todo o coração, apesar da limitação do entendimento da razão. A Fé, aqui, se constitui e conforma na entrega e confiança que não exige o total conhecimento dos mistérios e que só pertencem a Deus, pois, que no nosso saber se finda a Fé. E o justo viverá pela Fé. (Hc 2.4) (Rm 1.17) (Gl 3.11) (Hb 10.38) A Fé verdadeira é a que está centrada e alicerçada no seu Autor e Consumador: Jesus Cristo, Senhor. (Hb 12.2)

Esta Fé na completude da crença traz consigo a fé como Dom de Deus, descrita nas cartas de Paulo pelos carismas em que a própria fé é o elemento de conquista dos demais, doados para nosso auxílio enquanto nesse mundo, mas que desaparecerão desnecessários na glória. É a fé resultante das ações do Espírito Santo, da qual ingenuamente alguns se apropriam e acreditam dominar para usar; mas, também e principalmente a fé inalienável à natureza transformada do salvo e jamais retirada, que é o Fruto do Espírito de Deus, como semente plantada pela Palavra e Verbo para a eternidade e descrita em definitivo no capítulo 11 da carta aos Hebreus. A fé conservada pelos santos no sofrimento e terror dos martírios, dos quais o mundo não é digno, fé aprovada por Deus, não tendo estes recebido as respostas de suas orações e alcançado a Promessa maior reservada para o futuro, que incluía todos os crentes leitores posteriores e a nós para sermos aperfeiçoados juntos. (vs. 35-40)

Quanto ao mais, a essência do viver Avivados é antes de qualquer fazer, o ser em verdade, justiça, pureza e amor, e testemunho para louvor a Deus; e disso ocupar o pensamento. (Fp 4.8) Todo o seu devocional em estudos, jejuns, oração, toda consagração e sacrifício são fazeres só aprovados se no amor. (1 Co 13) Tudo o que possamos fazer de bom, e a Ele oferecer vem dEle. (Tg 1.17) (Rm 11.33-36) Sem Ele, nada fazemos. (Jo 15.5) Se queremos Avivamento, sejamos, seja você uma fonte, pessoalmente nEle. É no Senhor Jesus em que pela graça reside nossa fé e, não nas argumentações de homens, que conhecemos a plenitude da divindade. (Cl 2.6-9)

CONCLUSÃO

Encerro com uma pergunta em reflexão: A igreja primitiva e nascedoura, registrada nos anos do livro de Atos, do Novo Testamento era uma igreja em Avivamento? E mais, se buscamos Avivamento, será que temos a coragem de pedir um tal, como o encontrado na Bíblia, com as vitórias, milagres e alegrias e as perseguições e mortes, ou queremos determinar o que deva ser Avivamento, colhendo aqui e ali na história da igreja o que nos interessa e não traga dor?

Não somos hipócritas para afirmar que estamos prontos para tudo e aceitamos de bom grado, sem queixa, receio, agradecendo com sorrisos a tudo que o Senhor venha permitir. Queremos Avivamentos e Renovações repletos de vitórias, e não é errado desejar e pedir assim. Mas tudo deve começar em nós, de modo que reconheçamos se vivemos o que Deus quer de nós em cada momento; e quando pedimos Avivamento ou Renovação confessemos se estes estão faltando em nós.

O Mundo Está Mudando: Tecnologia, Pressa e Superficialidade

Angela Vauthier

Se pudéssemos voltar no tempo e contar para a humanidade dos séculos passados, ou até mesmo para a geração de 50 ou 60 anos atrás, que poderíamos ter toda essa tecnologia que utilizamos hoje, seríamos chamados de loucos, sonhadores ou mentirosos. Como explicar tanta mudança e avanço para alguém do passado que nunca imaginaria ser possível ver o que temos atualmente?

Um condutor de liteira, carroça ou charrete, nunca iria acreditar que no futuro seria possível existir carro elétrico e/ou tão potente como os carros de corrida.

E os antigos correios¹ poderiam imaginar a rapidez que hoje pode se enviar uma mensagem para alguém? Lembro-me que na minha infância, meus tios moravam em São Paulo e nós em Pernambuco, e a nossa comunicação era por cartas. Eram 03 dias para recebermos a correspondência após a sua postagem. Como ficávamos felizes por receber notícias deles! Às vezes por falta de tempo, devido ao trabalho, numa única folha nossos tios escreviam um recadinho para cada de um nós, eu e meus irmãos. O Telegrama era mais ágil, recebíamos no mesmo dia ou no dia seguinte, porém era uma comunicação muito resumida, mas que deixava clara a mensagem principal e quanto mais palavras escritas, mais caro ficava.

Como os fotógrafos da época das máquinas à pólvora reagiriam, se lhes contassem que um dia o seu trabalho seria substituído quase em sua totalidade com a chegada do celular? E os laboratórios fotográficos que recebiam os filmes de várias poses, 12, 24 e 36, e entregavam dias depois as fotos reveladas? Mesmo aqueles que entregavam com 01 hora, não teriam noção que seria possível ver e escolher com antecedência quais fotos gostaríamos de ter em mãos, já que só depois de reveladas é que víamos os olhos vermelhos ou fechados, ou quem saiu fazendo careta e não tínhamos como voltar para aquele momento ou lugar e

¹ A etimologia “correio” está no provençal *corrieu*, alteração provável de vocábulo francês *corlieu*, composto de *courir* (correr) e *lieu* (lugar). [www.exame.com 11/04/2017]. No Brasil, Correios passou a ser chamado a empresa responsável pelas entregas de cartas e telegramas, instituída em 25 de janeiro de 1663 [www.correios.com.br]. Consulta feita em 21/04/2025.

fotografar mais uma vez.

O que diriam as telefonistas quando surgiram os primeiros telefones, se soubessem que no futuro com o celular você poderia falar por chamada de voz e de vídeo? Antigamente era necessário ligar para a telefonista, solicitar uma ligação e esperar ela completar a chamada para você poder conversar com alguém. E isso não era garantia de uma ligação totalmente audível e sem ruídos. Com o passar dos anos surgiram os orelhões para que se pudesse fazer ligações quando estivesse na rua, ou ainda para facilitar a vida de quem não tinha telefone em casa, já que era algo muito caro, considerado até como um bem igual a uma casa ou terreno. Quem diria que as famosas filas, que muitas vezes eram sinônimo de discussão por conta da falta de noção de alguns usuários iriam ser trocadas por áudio ou mensagem de texto no WhatsApp? O famoso e nostálgico barulhinho da ficha caindo nunca mais seria ouvido, embora até hoje se use a famosa frase “*a ficha caiu*”, mesmo por quem nunca usou um orelhão!

E quando surgiu o FAX? Ficávamos abismados com a facilidade de enviar e receber na mesma hora uma mensagem por escrito ou um documento. Parecia mágica aquele papel saindo lentamente do aparelho, com uma mensagem vindo de perto ou de longe, mas chegando instantaneamente. Depois, surgiu o e-mail que tem facilitado a vida de tantas pessoas, pois além do texto podemos anexar documentos e fotos e também é enviado rapidamente.

Como será que as secretárias que eram admitidas por serem diplomadas no Curso de Datilografia reagiriam ao saberem que suas máquinas seriam trocadas por computadores e que nem seria exigido ter agilidade para digitar? Quantas escolas de datilografia formaram pessoas ao longo dos anos e assim deram a oportunidade de trabalharem em escritórios e bancos, pois estavam aptas a usarem uma máquina manual ou elétrica!

E os famosos mimeógrafos que eram a razão de muitos alunos se “embriagarem” nos dias de prova sentindo o cheirinho de álcool nas folhas que passaram naquela “máquina mágica”, que foram trocados pela máquina de xerox? Geralmente o stencil onde se escrevia o que queria copiar era azul, então, todas as provas e outras atividades tinham as letras azuis. Já a máquina de xerox não deixa aroma algum, mas é mais incrível no resultado de copiar, pois também pode fazer cópias coloridas.

Quem usou o fogão a lenha ou carvão para cozinhar, nunca imaginou que um dia ele seria substituído por um fogão a gás, que pode ser aceso com a eletricidade e que ainda surgiria o micro-ondas que dividiria a função para esquentar e/ou descongelar comida. Tudo sem fazer fumaça e nem deixar cheiro impregnado no ambiente ou na roupa.

Ainda sobre o carvão, quem usou o ferro para passar roupa não tinha noção que um dia seria inventado o ferro elétrico e com a função de vapor para facilitar o uso. E quem sempre lavou roupa no rio ou no tanque, como reagiria ao saber que um dia iriam fabricar uma máquina que lava roupas e seca, e isso tudo podendo ser feito na área de serviço da própria casa? E sem falar nas famosas lavanderias self-service que facilitam a vida de muita gente.

E as TVs antigas com suas caixas enormes por conta das válvulas? Era uma dificuldade para conseguir ter uma imagem limpa em todos os canais, sempre ficavam apenas os que assistíamos com frequência na preferência de estarem mais nítidos. Lembro-me que quando crianças e estávamos assistindo um filme ou um programa que para nós era interessante, não era possível ligar o liquidificador porque dava interferência na imagem, então minha mãe tinha que esperar o horário do comercial para ligar e assim não atrapalhar. Mas nem sempre ela tinha essa paciência rsrsrs. As imagens eram em preto e branco e a gente nunca sabia a verdadeira cor das roupas das pessoas, dos carros, apenas imaginávamos. Quem diria que um dia haveria TV a cores e ainda que teríamos TV tela plana, leve, que pode até ser afixada na parede sem mais a necessidade do famoso “*carrinho de televisão*” que era um móvel obrigatório em quase todas as casas?!

As crianças gostam de colorir seja por diversão ou alguma atividade escolar, e elas sempre têm o desafio de apontar os seus lápis-de-cor ou de cera para pintar quando se desgastam. Há alguns anos atrás elas nunca iriam imaginar que nos dias atuais seria possível colorir tocando na tela do celular.

Antes, as crianças brincavam na rua com os amigos de amarelinha, esconde-esconde, futebol, pular corda e tantas outras brincadeiras divertidas e criativas, que era necessário a mãe chamar para entrar em casa pois já fazia muito tempo que estavam na rua. Era assim que se descarregava toda energia acumulada, não tinha ninguém sedentário, quando entrava em casa estavam todos suados e a mãe mandava ir direto para o banho. Hoje elas brincam nos playgrounds dos condomínios ou se isolam dentro de casa jogando no celular sozinhas, sendo essa a nova maneira de diversão, sem contato com outras crianças e sem a necessidade de se movimentar. Com isso, temos muitas crianças obesas e até diabéticas, pois enquanto estão nos joguinhos nos celulares, estão comendo o que é prejudicial para a saúde.

E o que falar dos depósitos bancários que você não tinha acesso na mesma hora em sua conta? E quando era feito com cheque cruzado era preciso esperar a compensação. Sem contar as taxas que se pagava com DOC, TED e a extinta e infame CPMF, essa cobrava por quase tudo que você fazia na sua conta. Agora com o PIX, além do dinheiro cair na hora na conta, ainda é livre de taxas e você pode fazer com qualquer limite de valor.

A PRESSA E A VIDA MODERNA

Com o passar dos anos as pessoas foram mudando seu estilo de vida e rotina, tudo hoje é “pra ontem”. Ao fazerem uma compra pela internet é quase uma loucura, pois ficam acompanhando o rastreio de entrega. Se pedem alguma refeição por aplicativo, os minutos se passam como se fossem horas e quando o entregador chega é recebido com reclamação. E o que falar das filas para serem atendidos? Muitas vezes o resultado é confusão e bate-boca, porque ninguém está mais aguentando esperar minutos e muito menos horas.

A vida das pessoas hoje é sinônimo de correria. Dificilmente elas se sentam para fazer uma refeição com calma, ou às vezes nem comem porque estão atrasadas. Nas paradas de ônibus sempre chega alguém correndo para não perder o ônibus que o levará ao seu destino, ou você vê as pessoas reclamando da demora para chegar o próximo porque não conseguiu pegar o anterior.

Aqui em São Paulo você consegue ver isso claramente se ficar numa estação de metrô e observar quando as portas se abrem, como diz na minha terra: “parece que estourou uma boiada”. Já aconteceu comigo, a primeira vez que cheguei aqui, uma amiga marcou comigo para nos encontrarmos numa estação, era a melhor maneira para mim que não conhecia nada daqui. Fiquei perto da porta de saída e enquanto esperava ela chegar, observava as pessoas saindo. Era uma correria só, as pessoas não caminhavam, corriam literalmente. Ainda tinha aquelas que saíam olhando para o celular como se nada estivesse acontecendo ao seu redor. Durante todo o tempo em que ali estive, pois a minha amiga atrasou para chegar (que é muito comum aqui devido ao trânsito), nenhum funcionário da estação percebeu que eu estava ali sozinha durante muito tempo. Ninguém se aproximou para perguntar se eu estava perdida ou se precisava de ajuda, simplesmente eu estava invisível para todos. Como dizem por aqui: “São Paulo é a cidade que não para, que filho chora e mãe não vê”. E o povo não para nem para olhar para os lados. Mas assim tem sido a vida de muitas pessoas, é uma pressa para tudo.

Lamentavelmente esse comportamento tem chegado também no âmbito espiritual. As pessoas estão querendo que a sua vida material siga a mesma regra da sua correria.

Lembro-me que quando criança os cultos de Círculo de Oração (sou pentecostal desde o ventre rsrsrs) eram o dia inteiro, manhã e tarde. As vigílias eram das 22h até às 5h da manhã e a maior alegria era conseguir passar a noite toda acordado orando, ouvindo os louvores e as mensagens durante a madrugada inteira. Hoje o trabalho de Círculo de Oração em algumas igrejas é apenas no horário da tarde, das 14h às 16h porque o povo não tem como ficar mais tempo em oração, por conta do trabalho ou dos estudos. E as vigílias? Agora são reduzidas, até 1h da manhã e quando dura a noite inteira, tem uma pausa para tomar um café que é para não adormecer. Os cultos de Consagração iam até o meio-dia em jejum total. Mas hoje a pressa tem mudado até isso, pois o jejum hoje para muitos é “cortar” por um período de tempo algo que gosta muito: chocolate, café, Coca-Cola, internet e qualquer outra coisa que ele acredite que será um sacrifício grande abrir mão.

Eu sempre gostei de escrever e uma das minhas dificuldades era quando os professores passavam redação com o máximo e o mínimo de linhas aceitáveis. Eu sofria porque sempre extrapolava a quantidade máxima de linhas. Faz uns anos que passei a enviar as mensagens diárias para os meus contatos de WhatsApp, eu geralmente uso uma figura com alguma frase de impacto, escrevo sobre o que ela significa para mim à luz da Bíblia e sempre uso um versículo que se encaixe no contexto. Confesso que tem dias que a vontade é de escrever um jornal, mas entendo que é preciso ser objetiva na mensagem que quero enviar. Porém, certa vez, recebi a crítica de uma pessoa que recebia a mensagem dizendo que eu

deveria fazer de um jeito que não fosse necessário a pessoa clicar na foto para ampliar e ler, pois isso faria perder tempo e o interesse na leitura. Fiquei imaginando o que um simples toque na tela faria alguém perder um tempo significativo a ponto de levar ao desinteresse porque isso lhe prejudicou seriamente. Bom, não mudei a maneira de enviar e para a glória de Deus hoje o número de pessoas alcançadas é bem maior porque quem recebe tem repassado para seus contatos.

QUANDO A PRESSA INVADE O ESPIRITUAL

Desde o começo dos anos 2000 o tempo que as pessoas têm ficado nas telas é muito maior do que o tempo que se dedicam aos estudos, família e principalmente a Cristo. Hoje as crianças mal começam a falar já estão passando o dedinho na tela do celular para assistir vídeos e/ou brincar com os joguinhos. Nas reuniões familiares é preciso muitas vezes confiscar os aparelhos para que se possa ter um momento de conversa ou diversão sem distrações, e assim haja interação entre as pessoas. Nos transportes coletivos as pessoas se isolam com seus fones de ouvido ou olham apenas para seus celulares e muitas vezes nem percebem o que está acontecendo ao seu redor, deixam de contemplar a paisagem, porque o que mais importa é assistir a sua série durante o trajeto do ônibus ou verificar suas redes sociais. E o que dizer do comportamento nas Igrejas? Muitos não trazem mais a Bíblia consigo porque têm o aplicativo no celular e com isso não acessam apenas o aplicativo para acompanhar a leitura, vão olhar mensagens e redes sociais durante o culto. Além de uma síndrome de participante da equipe da mídia, porque na hora do louvor é uma “febre” de fazer Stories que você fica sem saber se a pessoa está de fato louvando ou apenas registrando o momento.

O CHAMADO À ESSÊNCIA

O que precisamos entender é que o tempo passa, muita coisa muda, mas a nossa vida com Deus não pode acompanhar as mudanças impostas pelo mundo. O alerta bíblico é claro:

Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. (Romanos 12.2 NVI).

No Dicionário Michaels² se amoldar significa ajustar(-se) ao molde; tornar (-se) conforme; adaptar(-se), ajustar(-se), amoldurar(-se), conformar(-se); (Fazer) contrair costume, hábito; acostumar(-se), afazer(-se), habituar(-se). Portanto, o nosso comportamento como cristão é ir na contramão de tudo isso, pois precisamos seguir o padrão de Cristo. O apóstolo Paulo nos deixa um conselho muito importante quando escreve aos Coríntios: “Tornem-se meus imitadores, como eu o sou de Cristo” (I Co 11.1 – NVI).

² <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/amoldar> [consulta feita em 26/09/2025].

Isso não quer dizer que vamos nos isolar do mundo, deixar de viver em sociedade, nada disso. Precisamos conviver sim com todas pessoas, mas não podemos seguir os seus padrões. Jesus andava com pecadores, sentava à mesa com eles, mas todos os que tiveram um encontro pessoal com Ele foram transformados e/ou abençoados de alguma forma. Foi assim com Zaqueu, que recebeu Jesus em sua casa e foi alcançado pela salvação (Lc 19.1-10); a mulher Samaritana que teve a sua vida revelada em poucos momentos de conversa e tornou-se uma evangelista de forma imediata (Jo 4.4-42); e o que dizer da mulher pega em adultério? Recebeu o perdão de Jesus e escapou de sua pena de morte (Jo 8.2-11). Em todos esses casos, Jesus os influenciou positivamente e mostrou-lhes que o estilo de vida deles estava errado de acordo com os padrões de Deus. Deu-nos o exemplo de que podemos interagir com todo tipo de pessoa sem se contaminar com as suas práticas pecaminosas.

Encontramos no livro dos Salmos, no capítulo 1, um ensinamento que nos mostra como deve ser o comportamento do cristão e o que ele pode receber como recompensa se assim o seguir:

Como é feliz aquele que não segue o conselho dos ímpios, não imita a conduta dos pecadores, nem se assenta na roda dos zombadores! Ao contrário, sua satisfação está na lei do Senhor, e nessa lei medita dia e noite. É como árvore plantada à beira de águas correntes: Dá fruto no tempo certo e suas folhas não murcham. Tudo o que ele faz prospera! (Salmos 1.1-3 – NVI).

Hoje as pessoas estão cheias de compromissos com trabalho, estudo, família e muitas vezes esquecem que a sua prioridade é com Deus. Muitos pais estão deixando para os professores do Departamento Infantil, a responsabilidade da Educação Cristã, por falta de tempo, sendo que eles estão ali para dar uma aula e não formar o caráter cristão do seu filho. Esquecem o que Deus falou para o povo de Israel através de Moisés:

Ame o Senhor, o seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todas as suas forças. Que todas estas palavras que hoje lhe ordeno estejam em seu coração. Ensine-as com persistência a seus filhos. Converse sobre elas quando estiver sentado em casa, quando estiver andando pelo caminho, quando se deitar e quando se levantar. (Deuteronômio 6.5-7 - NVI).

Para Josué, Deus o encorajou a assumir a liderança do povo após a morte de Moisés, mas também lhe deu um conselho que serve para os nossos dias: “Não deixe de falar as palavras deste Livro da Lei e de meditar nelas de dia e de noite, para que você cumpra fielmente tudo o que nele está escrito” (Js 1.8 – NVI). É necessário conhecer a Palavra de Deus para, além de mantermos um relacionamento com Ele, não sermos enganados por falsos mestres. “Cuidado com os falsos profetas. Eles vêm a vocês vestidos de peles de ovelhas, mas por dentro são lobos devoradores”. (Mt 7.15-NVI)

A NECESSIDADE DE CONHECER A PALAVRA

Lembro-me quando estudava Educação Religiosa no SETEBAN-PE em Recife, tinha um professor muito temido entre os alunos, Pr. Ivanildo Lopes (*in memoriam*) da matéria Antigo Testamento. No primeiro dia de aula, ele fazia uma anamnese de todos os alunos: nome, tempo de conversão, Igreja que congregava e quanto tempo de convertido. Era interessante ver que a maioria da turma era formada por homens e que exerciam o pastorado. A última pergunta e mais crucial era: “quantas vezes você já leu a Bíblia toda?”. E para nossa surpresa, bem poucos tinham lido de Gênesis a Apocalipse pelo menos uma vez em sua jornada cristã. Como todo bom professor exigente e que quer o melhor de seus alunos, o professor avisava: “vou orar para Deus lhe matar. Porque as almas estão perecendo com fome da Palavra e você não está se alimentando dela para levar salvação”.

Talvez no primeiro momento essas palavras soem como brutalidade de um professor que não tem empatia pelo aluno, mas se formos analisar a fundo o que ele falava, iremos dar razão. O Senhor falou através do profeta Oséias: “Meu povo foi destruído por falta de conhecimento” (Os 4.6a – NVI). Como você pode exercer uma função de pastor ou professor na Igreja se não conhece as Escrituras? O apóstolo Paulo fala para Timóteo em seus ensinamentos: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a palavra da verdade” (II Tm 2.15 – ACF).

Estar liderando um rebanho e não conhecer a Palavra é muito contraditório, além de prejudicial, pois como as ovelhas serão alimentadas se o próprio pastor não sabe qual alimento correto deve dar? Por essa razão há muitos “pastores de internet” que têm confundido a cabeça de ingênuos que acreditam nas heresias pregadas por eles. Como não têm base sólida, são convencidos facilmente, mas o apóstolo Paulo já nos deixou o alerta:

O propósito é que não sejamos mais como crianças, levados de um lado para outro pelas ondas, nem jogados para cá e para lá por todo vento de doutrina e pela astúcia e esperteza de homens que induzem ao erro. (Efésios 4.14 – NVI).

Quando trabalhamos com vendas, precisamos conhecer o produto para passar segurança no momento da abordagem; quando vamos apresentar um TCC precisamos saber o que está no trabalho e passar segurança na hora de falar, caso contrário a banca examinadora não será convencida; um advogado que não conhece a fundo o inquérito não conseguirá defender o seu cliente e caso seja o promotor, não conseguirá acusar o réu por não saber o que está nos autos. Então, para sermos mestres, pastores e líderes, precisamos conhecer a Palavra de Deus.

O VALOR DA ORAÇÃO

Além de conhecer a Palavra de Deus, também precisamos ter um relacionamento de oração com Ele. Quando estamos apaixonados, no início do namoro, o que mais queremos é conversar com a pessoa amada. Passamos horas a fio conversando, seja pessoalmente ou por telefone. No tempo dos orelhões se fazia necessário usar muitas fichas telefônicas para dar conta de tanto assunto conversado, e com isso as confusões surgiam nas filas. E não importa se o assunto era sério ou bobo, o importante era estar conversando.

Infelizmente não temos essa mesma disposição de conversar com Deus por muito tempo. Às vezes são orações curtas e palavras repetidas nos horários de refeição e antes de dormir. Jesus nos advertiu que não podemos repetir palavras para falar com Deus:

E quando orarem, não fiquem sempre repetindo a mesma coisa, como fazem os pagãos. Eles pensam que por muito falarem serão ouvidos. (Mateus 6.7 – NVI)

Precisamos conversar com Deus franca e abertamente, dizer o que sentimos, o que queremos e sermos gratos por tudo o que Ele nos faz. Nem sempre é necessário estar de joelhos dobrados, até porque em alguns momentos que precisamos orar, estamos no trabalho ou na rua, mas o que Ele quer ver é a sinceridade do nosso coração. O rei Ezequias estava acamado, doente, prestes a morrer e fez uma simples oração ao Senhor ali mesmo deitado e recebeu a resposta que pediu e engrandeceu ao Senhor pela vitória recebida:

Naqueles dias Ezequias ficou doente, à beira da morte. O profeta Isaías, filho de Amoz, foi visitá-lo e lhe disse: “Assim diz o Senhor: Ponha a casa em ordem, porque você vai morrer; você não se recuperará”.

Ezequias virou o rosto para a parede e orou ao Senhor:

“Lembra-te, Senhor, de como tenho te servido com fidelidade e com devoção sincera, e tenho feito o que tu aprovas”. E Ezequias chorou amargamente.

Então a palavra do Senhor veio a Isaías:

“Vá dizer a Ezequias: ‘Assim diz o Senhor, o Deus de seu antepassado Davi: Ouvi sua oração e vi suas lágrimas; acrescentarei quinze anos à sua vida.

E eu livrarei você e esta cidade das mãos do rei da Assíria. Eu defenderei esta cidade.

“Este é o sinal de que o Senhor fará o que prometeu:

Farei a sombra do sol retroceder os dez graus que ela já cobriu na escadaria de Acáz’ “. E a luz do sol retrocedeu os dez graus que tinha avançado.

Depois de recuperar-se dessa doença, Ezequias, rei de Judá, escreveu o seguinte:

Eu disse: “No vigor da minha vida tenho que passar pelas portas da sepultura e ser roubado do restante dos meus anos? “

Eu disse: “Não tornarei a ver o Senhor, o Senhor, na terra dos vivos; não olharei mais para a humanidade nem estarei mais com os que agora habitam neste mundo.

A minha casa foi derrubada e tirada de mim, como se fosse uma tenda de pastor. A minha vida foi enovelada, como faz o tecelão, e ele me cortou como um pedaço de tecido; dia e noite foste acabando comigo.

Esperei pacientemente até o alvorecer, mas como um leão ele quebrou todos os meus ossos; dia e noite foste acabando comigo.

Gritei como um andorinhão, como um tordo; gemi como uma pomba chorosa. Olhando para os céus, enfraqueceram-se os meus olhos. Estou aflito, ó Senhor, vem em meu auxílio! “

Mas, que posso dizer? Ele falou comigo, e ele mesmo fez isso. Andarei humildemente toda a minha vida, por causa dessa aflição da minha alma.

Senhor, por tais coisas os homens vivem, e por elas também vive o meu espírito. Tu me restauraste a saúde e deixaste-me viver.

Foi para o meu benefício que tanto sofri. Em teu amor me guardaste da cova da destruição; lançaste para trás de ti todos os meus pecados,

pois a sepultura não pode louvar-te, a morte não pode cantar o teu louvor. Aqueles que descem à cova não podem esperar pela tua fidelidade.

Os vivos, somente os vivos, te louvam, como hoje estou fazendo; os pais contam a tua fidelidade a seus filhos.

O Senhor me salvou. Cantaremos com instrumentos de corda todos os dias de nossa vida no templo do Senhor. (Isaías 38.1-20 – NVI).

Certa vez li uma frase que me chamou muito a atenção, dizia: “Na oração é melhor um coração sem palavras, do que palavras sem coração” (John Bunyan – 1628-1688). Quem nos mostra isso claramente é Ana quando está orando a Deus pedindo um filho. Ela não precisou gritar, se jogar no chão para chamar a atenção de Deus ou do profeta, apenas balbuciava, mas Deus estava vendo a sinceridade do seu coração.

Certa vez quando terminou de comer e beber em Siló, estando o sacerdote Eli sentado numa cadeira junto à entrada do santuário do Senhor, Ana se levantou e, com a alma amargurada, chorou muito e orou ao Senhor.

E fez um voto, dizendo: “Ó Senhor dos Exércitos, se tu deres atenção à humilhação de tua serva, te lembrares de mim e não te esqueceres de tua serva, mas lhe deres um filho, então eu o dedicarei ao Senhor por todos os dias de sua vida, e o seu cabelo e a sua barba nunca serão cortados”.

Enquanto ela continuava a orar diante do Senhor, Eli observava sua boca.

Como Ana orava silenciosamente, seus lábios se mexiam

mas não se ouvia sua voz. Então Eli pensou que ela estivesse embriagada

e lhe disse: “Até quando você continuará embriagada? Abandone o vinho! “

Ana respondeu: “Não se trata disso, meu senhor. Sou uma mulher muito angustiada. Não bebi vinho nem bebida fermentada; eu estava derramando minha alma diante do Senhor.

Não julgues tua serva uma mulher vadia; estou orando aqui até agora por causa de minha grande angústia e tristeza”.

Eli respondeu: “Vá em paz, e que o Deus de Israel lhe conceda o que você pediu”.

Ela disse: “Espero que sejas benevolente para com tua serva! “
Então ela seguiu seu caminho, comeu, e seu rosto já não estava mais abatido.

(I Samuel 1.9-18 – NVI).

A Bíblia também nos fala sobre orar em todo tempo (Ef 6.18) ou orar sem cessar (I Ts 5.17). Isso não quer dizer que iremos passar o dia inteiro de joelhos orando e vamos esquecer que temos uma vida: casa, trabalho, amigos. “Orar sem cessar não é passar o dia ajoelhado orando. É como ligar para alguém (Deus) e deixar o telefone na linha o dia inteiro, permitindo que Ele participe do seu dia com você” (Desconhecido).

Precisamos estar em sintonia com o Senhor em todos os momentos de nossa vida: se estamos para tomar alguma decisão, podemos através da oração pedir a Sua ajuda; se estamos doentes com um diagnóstico que aos olhos humanos não tem mais solução; se iremos passar por uma entrevista de emprego e queremos a Sua orientação se é aquele lugar que Ele preparou para nós; se estamos planejando casar e queremos a Sua aprovação; enfim, tudo em nossa vida precisamos falar com o Senhor, tanto nas coisas sérias como até nas mais simples.

UM TESTEMUNHO PESSOAL

Final de dezembro do ano passado enfrentei uma situação de enfermidade que me deixou isolada em casa e praticamente acamada. Uma hérnia de disco que estava prensando o nervo ciático me deixou mais de três meses afastada de tudo. Por muitas vezes conversei com Deus querendo entender a razão de tudo aquilo. Não foi fácil para mim que sempre tive o controle das coisas, pois faz muitos anos que moro sozinha e longe dos meus familiares. Então, foi necessário ficar impossibilitada de andar, de cuidar da minha casa, e até de depender de alguém para me dar banho, para entender que Deus é que tem o controle de todas as coisas, que os meus planos (já tinha feito vários para esse ano de 2025) não são iguais aos dEle e que mesmo eu estando sozinha, não estou abandonada. Deus cuidou de mim de maneira incrível. Consegui fazer a cirurgia e para quem ouviu dos médicos que haveria a possibilidade de ficar sem andar e usar fraldas, para a glória do Senhor estou andando sem ajuda de muleta ou andador e já voltei ao meu

trabalho. Foram muitos dias e noites clamando ao Senhor, bem como muitos irmãos em Cristo orando por mim, e eu sempre falava que não era falta de fé e nem de oração que eu estava enfrentando aquilo, mas que era um propósito de Deus. E de fato, eu vi a Sua mão em todo o tempo: provisão, acolhimento e certeza de que Ele estava cuidando de mim e que eu preciso descansar nEle: “Lancem sobre Ele toda a sua ansiedade, porque Ele tem cuidado de vocês”. (I Pe 5.7 – NVI). Hoje, agradeço a Ele por coisas tão simples que consigo fazer sozinha: tomar banho de pé, já fiquei um bom tempo tomando banho numa cadeira; conseguir andar de ônibus, fazer a minha própria comida. E depois de sete meses consegui ir ao supermercado, era empurrando o carrinho e agradecendo a Deus por estar conseguindo fazer minhas compras sozinha.

CONCLUSÃO

Por mais que estejamos ocupados, com a nossa agenda repleta de compromissos, que tenhamos muitos planos e sonhos que queremos realizar, não podemos esquecer que nosso relacionamento com Deus é prioridade. Fale com Ele diariamente, você não passa dias sem comer ou beber água, então, se alimente da Palavra e mate a sua sede conversando com Ele que é a fonte de água viva (Jo 4.10,14). Converse com Ele em casa, no trabalho, na rua, não importa o lugar, mas o seu desejo de se relacionar com Ele.

A modernidade não pode ter um valor maior que o nosso padrão cristão, a correria da vida não pode tomar o lugar do Senhor em nossa vida. Seja um(a) filho(a) que ama o seu Pai e demonstra esse amor tendo um relacionamento com Ele. Não seja do tipo que só procura o Pai para pedir, mas que você agradeça por tudo e abra o seu coração confiando a Ele o seu futuro, mesmo que não seja feita a sua vontade, mas a dEle, pois a vontade do Senhor é boa, perfeita e agradável (Rm 12.2).

Que você seja luz para iluminar a vida daqueles estão nas trevas, sal na medida certa para dar um sabor especial na vida dos que estão ao seu redor sem achar sentido para viver. Apesar de tudo quanto temos vivido de modernidade que nos beneficia, não podemos esquecer que somos cidadãos do céu (Fp 3.20).

Que o Senhor abençoe a sua vida de maneira grandiosa!

Quando o Ativismo Religioso Substitui a Intimidade com Deus

Ronaldo Béco da Costa

“Deus prefere adoradores a trabalhadores; de fato, os únicos trabalhadores aceitáveis são aqueles que aprenderam a arte da adoração.” (A. W. Tozer)

A LINHA TÊNUE ENTRE ATIVIDADE X INTIMIDADE

A caminhada da vida cristã pode ser descrita em um binômio que interliga a fé e a ação que trazem adoração a Deus. As Escrituras Sagradas, nosso guia infalível, revelam a beleza de uma fé equilibrada, onde a devoção fervorosa a Deus naturalmente transborda em amor e serviço prático ao nosso semelhante. Contudo, ao observarmos a dinâmica das comunidades de fé, tanto no contexto da igreja local quanto em contextos globais, observamos uma sutil armadilha, que vamos chamar de ativismo religioso, que é impulsionado por uma cultura que muitas vezes valoriza a produtividade e o engajamento visível, em que o “fazer” suplanta o “ser” e a busca por resultados substitui a busca pela face de Deus.

Este capítulo se propõe fazer uma exploração mais atenta dessa delicada balança, investigando como o envolvimento excessivo em atividades religiosas, por mais bem-intencionado que seja, pode, paradoxalmente, nos afastar da própria fonte de nossa espiritualidade: a intimidade profunda e pessoal com o Deus vivo. Para iluminar essa dinâmica crucial, nos voltaremos para uma narrativa bíblica clássica, o encontro de Jesus com as irmãs Marta e Maria, um relato que ecoa através dos séculos com uma sabedoria atemporal e que oferece uma lente perspicaz através da qual podemos examinar nossas próprias vidas, nossas motivações e as prioridades de nossas comunidades de fé.

O ENCONTRO EM BETÂNIA: MARTA, MARIA E AS PRIORIDADES DE JESUS

E aconteceu que, indo eles de caminho, entrou numa aldeia; e certa mulher, por nome Marta, o recebeu em sua casa. E tinha esta uma irmã, chamada Maria, a qual, assentando-se também aos pés de Jesus, ouvia a sua palavra. Marta, porém, andava distraída em muitos serviços e, aproximando-se, disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude. E, respondendo Jesus, disse-lhe: Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada.

Lucas 10.38-42

O texto é uma das passagens mais conhecidas da Bíblia, ocorrido em um lar acolhedor na Judeia, onde Jesus é recebido. Marta, a anfitriã zelosa e diligente, assume prontamente a responsabilidade de receber seu ilustre hóspede com a generosidade e o cuidado que sua cultura e seu coração ditavam. Seu foco se volta para os detalhes práticos da hospitalidade, para garantir que cada necessidade seja atendida e que a visita de Jesus seja marcada pela excelência. Maria, por outro lado, demonstra uma abordagem aparentemente contrastante. Em vez de se juntar à agitação dos preparativos, ela se assenta aos pés de Jesus, atenta as suas palavras, com o coração faminto pela sabedoria que emanava de Seus lábios.

A reação de Marta, ao perceber a aparente passividade de sua irmã em meio à urgência das tarefas, parece ser a mesma que apresentamos em nossos momentos de sobrecarga. Sentindo-se sozinha no cumprimento de suas responsabilidades, ela se dirige a Jesus com uma queixa que carrega consigo uma ponta de frustração e talvez até de julgamento, conforme observamos no texto bíblico abaixo:

“Marta, porém, andava distraída em muitos serviços e, aproximando-se, disse: Senhor, não te importas que minha irmã me deixe servir só? Dize-lhe, pois, que me ajude”. A resposta de Jesus à demanda de Marta, serve como um farol de luz para navegarmos pelas complexidades de nossas próprias prioridades espirituais: “Marta, Marta, estás ansiosa e afadigada com muitas coisas, 42 mas uma só é necessária; e Maria escolheu a boa parte, a qual não lhe será tirada”.

“DISTRAÍDA” (PERIESPATO): A MENTE FRAGMENTADA PELO EXCESSO DE ATIVIDADE

A análise das palavras-chave da narrativa de Marta e Maria são uma ferramenta poderosa para aprofundar nossa compreensão e aplicação da mensagem bíblica de forma mais fiel e impactante. Para tanto, é essencial mergulharmos nas profundezas do significado das palavras no idioma original, o grego koine, em que o Novo Testamento foi escrito. A palavra traduzida como “distraída” é περιεσπáτο

(*periespato*). Este verbo composto é formado pelas partículas *peri* (ao redor, intensamente) e *spaō* (puxar, arrastar). De acordo com léxicos gregos de Strong¹ (G4049) e o Léxico Grego-Português do Novo Testamento², *periespato* significa literalmente “ser puxado em várias direções”, “ser fortemente distraído” ou “estar sobrecarregado”. A intensidade do prefixo *peri* denota uma mente e um coração divididos, com a atenção sendo desviada para múltiplos afazeres. A mente de Marta não estava simplesmente ocupada, mas sim “arrastada” e “puxada” por suas demandas de hospitalidade, desviando o foco das palavras de Jesus. No contexto da vida da igreja contemporânea, essa “distração” (*periespato*) pode se manifestar na participação em um monte de atividades, reuniões, congressos e projetos, cada um com suas próprias demandas de tempo e energia, orientando a nossa atenção e foco, tornando mais difícil discernir a voz de Deus em meio ao ruído.

“SERVIÇO” (*DIAKONIA*) E A PRIORIDADE DA “BOA PARTE” (*AGATHĒN MERIDA*)

O “serviço” de Marta é descrito com a expressão *πολλῇ διακονίᾳ* (*pollē diakonia*). O substantivo *diakonia* (*διακονία*), (G1248) de acordo com os léxicos já citados, refere-se fundamentalmente ao ato de servir, ministrar, cuidar e até mesmo administrar. No contexto do Novo Testamento, abrange desde o serviço prático e doméstico até o ministério formal da Palavra e o cuidado com os necessitados. A raiz do termo, *diakonos* (*διάκονος*), significa servo ou ministro. Portanto, o serviço em si não é apresentado como algo negativo. No entanto, o adjetivo *pollē* (*πολλῇ*), que significa muito ou abundante, intensifica a ideia de que, naquele momento, a quantidade de serviço de Marta se tornou um obstáculo para algo mais importante.

Com relação à Maria Jesus a elogia por ter escolhido a “boa parte” (*τὴν ἀγαθὴν μερίδα* - *tēn agathēn merida*). A palavra *agathos* (*ἀγαθός*) significa bom, excelente, valioso e agradável. O substantivo *merida* (*μερίδα*), conforme os léxicos, denota uma porção, uma parte ou uma participação. Assim, a «boa parte» (*agathēn merida*) escolhida por Maria representa a porção excelente, a parte valiosa que ela priorizou ao se assentar aos pés de Jesus para ouvir Seus ensinamentos. Essa escolha não é apenas boa, mas intrinsecamente valiosa e duradoura, em contraste com as preocupações imediatas e passageiras de Marta. A ênfase recai sobre a qualidade e o valor eterno da comunhão com Cristo, em detrimento da quantidade de serviço realizado naquele instante.

Na resposta de Jesus à Marta descreve a sua condição interna, utilizando duas palavras significativas: “ansiosa” (*μεριμνᾷς* - *merimnas*) e “perturbada” (*θορυβάζει* - *thorybazē*).

O verbo *merimnaō* (*μεριμνάω*) (G3309), conforme os léxicos já citados, carrega o significado de estar ansioso, preocupado, ter solicitude, cuidar com ansiedade ou

1 Strong, James. *Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong*. 2002. Sociedade Bíblica do Brasil.

2 Louw, Johannes P.; Nida, Eugene A. *Léxico Grego-Português do Novo Testamento: Baseado em Domínios Semânticos*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

estar apreensivo. Não se trata de uma preocupação saudável ou de um cuidado responsável, mas sim de uma ansiedade que divide a mente e o coração, desviando o foco do essencial. No contexto da visita de Jesus, a ansiedade de Marta estava centrada nos detalhes da hospitalidade, impedindo-a de desfrutar da presença do próprio Cristo, levando-a a um estado de agitação e perturbação (*thorybazō*) que a impedia de experimentar a paz e a centralidade que a presença de Jesus oferecia. Essa análise individual de cada palavra reforça a mensagem de que a ansiedade e a agitação, mesmo quando motivadas por boas intenções, podem nos afastar da comunhão essencial com Deus.

O PERIGO DE SERVIR SEM CONECTAR: A ESSÊNCIA DA INTIMIDADE NEGLIGENCIADA

À luz do que vimos até este ponto, é possível afirmar que a fala de Jesus para Marta não deve ser interpretada como uma condenação ao serviço em si. A hospitalidade, assim como outras formas de serviço ao próximo, permanece como uma virtude bíblica louvável e uma expressão concreta do amor cristão em ação. O que Jesus questiona em Marta não é o valor do seu trabalho, mas a distração de sua mente e o desalinhamento de suas prioridades diante de um momento singular. O que estava em jogo não era a validade do servir, mas a urgência de reconhecer e valorizar o que é essencial em nossa caminhada espiritual: a comunhão íntima com o Senhor.

De maneira semelhante, no contexto atual das igrejas, o serviço constitui uma engrenagem indispensável ao avanço do Reino de Deus. Ações de evangelismo, discipulado, celebração de cultos, cuidado pastoral e iniciativas sociais dão testemunho vivo do amor de Cristo e abrem caminhos para que Sua graça alcance outros. Entretanto, quando o servir se distancia da fonte — a intimidade com Deus —, corre-se o risco de transformar-se em mero ativismo humano. O coração pode se perder em tarefas, ao ponto de negligenciar o próprio Deus em nome de uma rotina ministerial.

Recordo-me de uma reunião da nossa ordem ocorrida há cerca de dois anos, quando passamos longo tempo discutindo o modelo e a cor das camisas que seriam usadas em um evento a nível nacional. O debate se estendeu com fervor, como se se tratasse de uma questão de grande relevância para a vida da igreja. No entanto, ao final, tornou-se evidente que havíamos investido energia e atenção em algo periférico, enquanto tantas outras demandas de natureza espiritual e pastoral aguardavam nossa reflexão e oração. Essa experiência ilustra bem como podemos nos prender ao secundário e esquecer o que é vital. Não são poucos os momentos em que a agenda eclesial pode tornar um labirinto de compromissos, mesmo se tratando de demandas legítimas, e podemos deixar de reservar tempo para aquilo que deveria estar no centro: a oração, a leitura devocional das Escrituras e a escuta atenta da voz suave do Espírito Santo.

O convite de Jesus a Marta, portanto, continua ecoando para nós. Não se trata de abandonar o serviço, mas de aprender a servir a partir da presença.

Quando o trabalho nasce da comunhão, torna-se fruto e não fardo; adoração e não mera obrigação. É nessa ordem — primeiro estar com Cristo, depois agir por Cristo — que o ministério encontra seu verdadeiro sentido.

A INFLUÊNCIA DA CULTURA DA PRODUTIVIDADE NA VIDA ESPIRITUAL

A cultura contemporânea, com sua ênfase implacável na produtividade, na eficiência e na constante atividade, exerce uma influência sutil, mas poderosa, em nossa maneira de abordar a vida espiritual. Essa mentalidade secular pode se infiltrar sorrateiramente em nós e em nossas igrejas, levando-nos a supervalorizar o ativismo em detrimento da vida devocional, a quantidade de atividades acima da qualidade da nossa conexão com Deus, o barulho das realizações acima do silêncio da escuta divina.

O teólogo e escritor *Eugene Peterson*³, frequentemente critica a cultura da pressa e da superficialidade que se infiltra na espiritualidade moderna. Ele argumenta que a busca incessante por resultados imediatos e a valorização da eficiência a todo custo podem nos desviar da jornada lenta e constante da fé, da “longa obediência na mesma direção”. Peterson nos lembra que a intimidade com Deus se cultiva no tempo, na paciência e na disposição de simplesmente estar em Sua presença, em contraste com a mentalidade de “fazer mais” que a cultura da produtividade impõe.

Assim como o mundo secular mede o sucesso pela produção e pela realização de metas tangíveis, a igreja pode, inadvertidamente, adotar esse mesmo critério para avaliar o engajamento e a espiritualidade de seus membros. A pressão para participar de inúmeras atividades, para contribuir em todos os projetos e para demonstrar um nível constante de “produtividade espiritual” pode obscurecer o chamado mais profundo para a quietude, a contemplação e o cultivo de um relacionamento íntimo com o Pai. A busca por “fazer a obra de Deus” pode, ironicamente, nos afastar de “estar com o Deus da obra”.

AS CONSEQUÊNCIAS DA SUBSTITUIÇÃO: ESGOTAMENTO E SUPERFICIALIDADE ESPIRITUAL

Quando o ativismo religioso assume o lugar da intimidade com Deus, algumas consequências negativas podem se manifestar em nossas vidas e em nossas comunidades de fé. Primeiramente, podemos experimentar um esgotamento espiritual. O serviço desprovido de uma nutrição espiritual constante inevitavelmente leva ao desgaste, à frustração e até mesmo ao ressentimento. Servimos por obrigação, por culpa ou por pressão, em vez de por um amor transbordante que flui de um encontro genuíno com a graça de Deus.

³ Peterson, Eugene H. *Uma longa obediência na mesma direção: Discipulado numa sociedade instantânea*, Editora Cultura Cristã, 2005.

O renomado teólogo e escritor Henri Nouwen⁴, em diversas de suas obras, aborda essa exaustão resultante de um ativismo desconectado da vida devocional, explora a importância de o líder espiritual ser alguém que encontra sua própria cura e força em Deus antes de tentar ministrar aos outros. Ele adverte contra a tentação de cair em um ativismo frenético como uma forma de evitar o próprio vazio interior ou a necessidade de confrontar as próprias feridas. Para Nouwen, a verdadeira eficácia no serviço e a prevenção do esgotamento residem em uma profunda e contínua conexão com a fonte do amor e da cura divina. A busca incessante por “fazer” sem um “ser” alicerçado em Deus inevitavelmente leva à exaustão da alma.

Em segundo lugar, nosso serviço, mesmo que realizado com zelo aparente, pode se tornar superficial e, em última análise, ineficaz em termos espirituais. Podemos estar envolvidos em uma miríade de tarefas e projetos, mas perdermos a unção e o poder sobrenatural que emanam de uma profunda e constante comunhão com o Espírito Santo. Nossas ações podem ser motivadas por agendas pessoais, por uma busca sutil de reconhecimento humano ou pela mera perpetuação de tradições vazias, em vez de serem guiadas pela sabedoria divina, pela compaixão genuína e por um profundo discernimento das necessidades do Reino de Deus.

INTIMIDADE COMO FONTE DE SERVIÇO TRANSFORMADOR E ALINHADO À MISSÃO

Ademais, a negligência da intimidade com Deus pode levar a um desalinhamento progressivo com a verdadeira missão da Igreja. Podemos nos encontrar excessivamente focados em atividades periféricas, em questões secundárias ou em agendas que, embora possam parecer importantes, desviam nossa atenção do chamado central para amar a Deus de todo o nosso coração, alma, força e entendimento, e ao nosso próximo como a nós mesmos, para fazer discípulos de todas as nações e para proclamar as boas novas do Evangelho da salvação até os confins da terra. Nosso ativismo se torna, então, um fim em si mesmo, uma medida de nossa própria justiça ou importância, em vez de um meio humilde e dedicado para alcançar os propósitos eternos de Deus.

Em contraste, quando a intimidade com Deus assume a prioridade que lhe é devida, nosso serviço é radicalmente transformado. Ele se torna uma expressão espontânea e alegre de nosso amor e gratidão, fluindo de um coração transbordante da presença e do poder do Espírito Santo. Somos capacitados a servir com alegria genuína, com paixão renovada e com um impacto espiritual duradouro, pois nossas ações estão infundidas com a própria vida de Deus, guiadas pela sabedoria divina, nutridas pela compaixão e direcionadas por um profundo discernimento das prioridades do Reino de Deus.

⁴ Nouwen, Henri J. M. *O Curador Ferido: Ministério na sociedade contemporânea*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2020.

CONCLUSÃO: NÃO DEIXE O IMPORTANTE SUPERAR O ESSENCIAL

Nossa jornada através deste capítulo nos conduziu a uma encruzilhada espiritual crucial, onde a urgência do serviço e a efervescência das atividades religiosas podem, sorrateiramente, desviar nosso olhar do tesouro mais valioso: a intimidade genuína com o Deus vivo. A narrativa atemporal de Marta e Maria ressoa em nossos corações, ecoando através dos séculos e encontrando um lar em meio à vibrante fé que pulsa em nossas comunidades. Ela nos confronta com uma escolha essencial: o que verdadeiramente priorizamos em nossa busca por Deus?

Exploramos como a cultura da produtividade, tão presente em nosso mundo e, por vezes, refletida em nossas comunidades de fé, pode nos impulsionar a um ciclo incessante de “fazer”, onde a busca por resultados visíveis ofusca a beleza e a necessidade de simplesmente “estar” na presença do Senhor. Corremos o risco de nos definirmos por nosso engajamento, medindo nossa espiritualidade pela quantidade de nossas atividades, em vez de pela profundidade e autenticidade de nosso relacionamento com o Pai celestial.

Em meio às muitas demandas do cotidiano, todos nós, como cristãos, somos constantemente lembrados de que o essencial não pode ser perdido: a intimidade com Deus. A fé não se sustenta apenas em atividades ou responsabilidades, mas na comunhão viva com o Senhor, que dá sentido a tudo o que fazemos.

A história de Marta e Maria continua a nos desafiar, a nos confrontar com nossas próprias prioridades e a nos inspirar a buscar o que realmente importa. Ela nos lembra que, em meio às inúmeras demandas e responsabilidades da vida cristã, nunca devemos perder de vista o essencial: o relacionamento pessoal, íntimo e crescente com Jesus Cristo. Assim como Maria demonstrou discernimento ao escolher a “boa parte” que jamais lhe seria tirada, somos também chamados a priorizar o tempo que dedicamos a estar em Sua presença, nutrindo nossa alma com Sua Palavra e fortalecendo nossa fé através da oração e da adoração.

Chamados para Discipular, não para Entreter

Diogo Bruno Ferreira da Silva

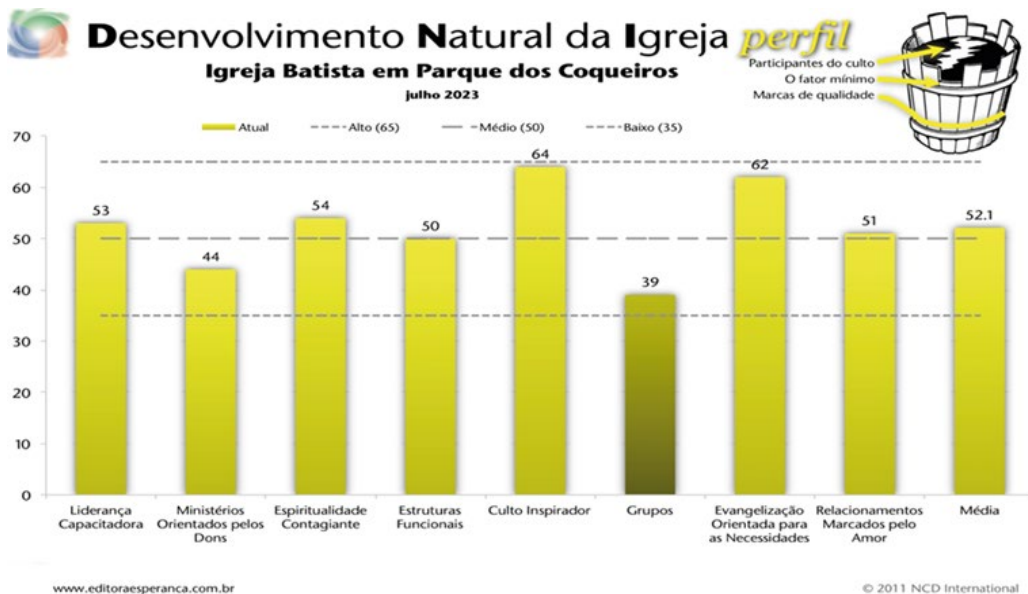
INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, muitas igrejas têm experimentado uma transformação no papel que desempenham na sociedade contemporânea. O que deveria ser um espaço de cuidado espiritual, discipulado e relacionamento comunitário tem, em muitos casos, se tornado uma plataforma de eventos com o objetivo de atrair multidões. Ao longo de minha pesquisa, de doutorado em Ministério, cujo a tese foi um estudo de caso, com a igreja que estou como pastor a quase 8 anos, cuja a ênfase era em programas e eventos em sua abordagem de crescimento, percebi que o modelo de igreja centrado na performance tem se tornado cada vez mais comum, trazendo desafios significativos para o crescimento espiritual das comunidades e para o bem-estar dos pastores. O modelo baseado em performance — com eventos de grande escala, cultos teatrais e programações centradas na visibilidade — tem distorcido o verdadeiro chamado da igreja: fazer discípulos.

O foco no entretenimento, na atração de público e na gestão de eventos pode parecer eficaz à primeira vista, especialmente quando observamos os números de frequência. Porém, ao longo do tempo, a ênfase nesse modelo gera uma espiritualidade superficial. Os membros da igreja passam a se envolver com as atividades mais por uma atitude de consumo do que ofertado pela a igreja, do que pela necessidade de pertencimento, alinhado a um verdadeiro desejo de viver os princípios do discipulado cristão. Essa dinâmica acaba criando uma igreja de espectadores, onde a transformação pessoal e coletiva é relegada ao segundo plano.

Veja essa realidade a partir dessa pesquisa feita com 30 irmãos da Igreja Batista em Parque dos Coqueiros, em parceria com o Instituto de Desenvolvimento Natural de Igrejas (IDNI), em um momento de capacitação com Lover Server International e Missão Alef:

Figura 1



Fonte: Editora esperança (2023)

A pesquisa revelou o que o instituto chama de “fator mínimo”, evidenciando a limitada capacidade da igreja em desenvolver seu potencial natural, especialmente pela ausência de grupos de relacionamentos sólidos. Conduzida com trinta membros, a pesquisa destacou a fragilidade da comunidade na construção de relações saudáveis, fundamentais para o crescimento espiritual e comunitário. Os dados coletados reforçaram a percepção de que essa fragilidade é um reflexo de uma estrutura histórica focada em performance e presença, que priorizou a realização de atividades em vez de cultivar vínculos interpessoais. Isso corrobora com as observações feitas durante minha experiência pastoral.

Embora a igreja tenha obtido bons resultados em áreas como a realização de eventos, essa abordagem acabou se tornando um objetivo em si mesma, em vez de um meio para o desenvolvimento espiritual e relacional.

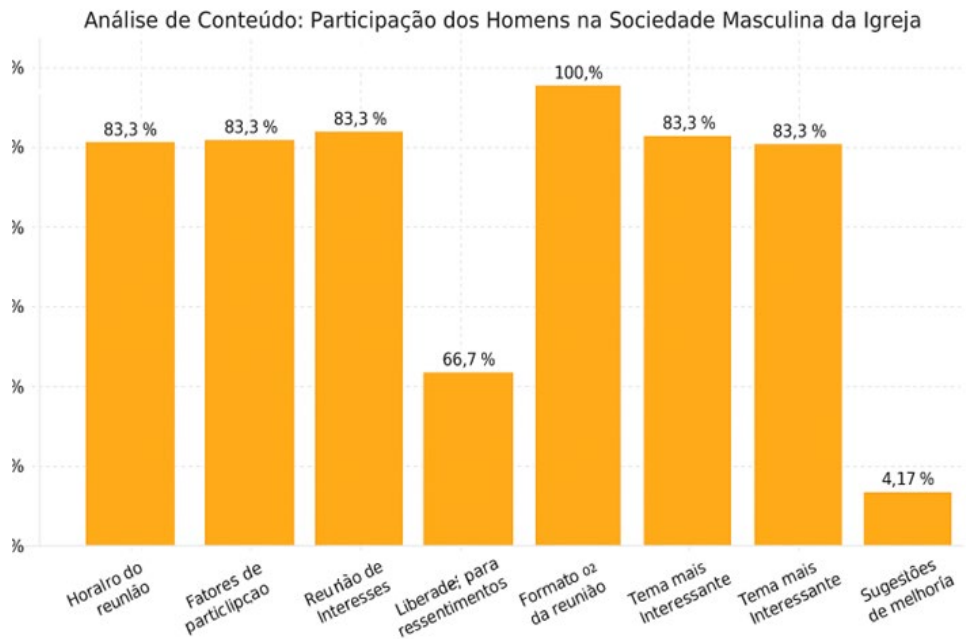
A centralização das atividades no templo transformou a igreja em uma instituição “eclesiocêntrica”, onde os membros se limitam a consumir os eventos, sem uma participação ativa nos relacionamentos. Essa dinâmica gerou um distanciamento entre os membros, comprometendo a verdadeira comunhão. (Silva, 2024, p.13)

As conclusões da pesquisa confirmaram a necessidade urgente de um processo de revitalização da igreja.

Essa revitalização não é apenas importante, mas essencial para transformar uma cultura de consumismo religioso em um ambiente de autêntica comunhão, compromisso espiritual e missão. (Silva, 2024, p.14)

Para isso, foi fundamental aprofundar o estudo e desenvolver estratégias que reverteressem essa situação, priorizando o fortalecimento dos relacionamentos interpessoais e a construção de uma comunidade mais saudável e engajada, focada no crescimento espiritual e comunitário. Por esse motivo, foi realizado um estudo de caso com um grupo de homens na referida igreja, cujo resultado segue abaixo..

Figura 2



Fonte: Produção própria (2025)

Por causa do resultado da pesquisa anterior, representado no outro gráfico, foi realizada agora uma nova pesquisa, desta vez apenas com os homens da igreja e sua reunião nas quintas-feiras. Esse gráfico comprovou, mais uma vez, o desequilíbrio ocasionado pela ênfase em permanência e presença, algo semelhante à ênfase excessiva em programas e eventos.

ANÁLISE DE CONTEÚDO: PARTICIPAÇÃO DOS HOMENS NA SOCIEDADE MASCULINA DA IGREJA

Essa pesquisa realizada com os participantes da igreja, os resultados mostraram uma visão bastante positiva sobre vários aspectos das reuniões. 83,3% dos participantes indicaram que o horário das reuniões era adequado para sua participação, e a mesma porcentagem considerou os fatores relacionados à participação como positivos e eficazes. Além disso, 83,3% dos entrevistados destacaram a relevância e atratividade das reuniões de interesses, enquanto

100% dos participantes expressaram satisfação com o formato das reuniões, considerando-o apropriado para a dinâmica do grupo. Apesar disso, a liberdade para expressar ressentimentos durante as reuniões foi mencionada por apenas 66,7% dos participantes, o que sugere um espaço limitado para discussões mais profundas e sentimentos não resolvidos. O tema abordado nas reuniões também foi considerado de grande interesse por 83,3% dos participantes, mas apenas 4,17% ofereceram sugestões para melhorar os encontros ou atividades, indicando uma possível falta de incentivo à participação ativa na construção do processo.

Esses dados, da pesquisa refletem um padrão positivo em termos de participação e satisfação com as reuniões da igreja. No entanto, o resultado da liberdade para expressar ressentimentos (apenas 66,7% se sentiram à vontade para fazê-lo) aponta para um aspecto crítico do ambiente interno: a falta de um espaço mais aberto e seguro para a expressão de sentimentos e conflitos não resolvidos, e evidenciaram o desequilíbrio nas relações dentro dos grupos da igreja. Este dado, junto com a pouca quantidade de sugestões para melhorias (apenas 4,17%), sugere que, apesar da estrutura das reuniões ser bem recebida, a ênfase dada ao modelo tradicional de performático e midiático da igreja ao longo dos anos pode ter causado um desequilíbrio nas relações interpessoais dentro da comunidade. Ao focar em um modelo mais voltado para a performance e presença constante, a igreja pode ter negligenciado o fortalecimento das interações mais profundas e sinceras entre os membros, essenciais para o desenvolvimento de uma comunidade verdadeiramente engajada e espiritualmente saudável.

EXPLICAÇÃO DO DESEQUILÍBRIO NOS RELACIONAMENTOS

O gráfico revela um padrão que aponta para um desequilíbrio nas relações interpessoais dentro da igreja, e isso está fortemente ligado à ênfase excessiva em atividades estruturadas e eventos planejados. Ao observar os resultados, nota-se que aspectos como horário da reunião, fatores de participação e formato da reunião obtiveram altas porcentagens de satisfação (83,3% a 100%).

Entretanto, o dado que mais chama atenção é o resultado de liberdade para testemunhar, com apenas 66,7% dos participantes indicando que se sentem à vontade para expressar seus sentimentos negativos ou frustrações. A ênfase nos Eventos programados e ações institucionais faz com que o espaço para a construção de relacionamentos autênticos e para a resolução de conflitos, embora seja reconhecido sua eficácia não é valorizado pela maioria dos homens da igreja, pois exigira, mas do que uma mera presença na reunião, mas uma participação, mas íntima.

Além disso, a baixa porcentagem de sugestões de melhoria (apenas 4,17%). Isso demonstra que, embora os membros participem ativamente das programações ligadas ao culto de domingo a maioria não se importa com sua própria reunião, eles não se sentem totalmente engajados na melhoria do ambiente, possivelmente porque estão mais focados no consumo dos eventos do que na construção de uma comunidade viva.

Essa falta de profundidade relacional pode ser vista como um reflexo direto do modelo da igreja, que priorizou durante anos, a realização de eventos e a atração de público, em detrimento do desenvolvimento de vínculos pessoais significativos entre os membros. Quando o foco está em programas, a igreja corre o risco de se tornar um espaço de consumo religioso, e não de comunhão genuína, o que pode comprometer o crescimento espiritual e a verdadeira interação entre os membros.

O MODELO DE PERFORMANCE NAS IGREJAS: ENTRE O SUCESSO APARENTE E O VAZIO ESPIRITUAL

A análise das dinâmicas de participação na igreja revela um fenômeno recorrente em muitas comunidades religiosas contemporâneas: o desequilíbrio entre a organização de eventos e a construção de relacionamentos autênticos. Em muitos casos, a igreja tem se estruturado em torno de uma agenda de programas e atividades, que, embora eficazes em atrair público e garantir a presença em cultos e reuniões, não necessariamente promovem um crescimento espiritual profundo ou fortalecem os vínculos interpessoais entre os membros. Isso é particularmente evidente quando se observa a participação ativa nas reuniões e eventos, que obteve elevados índices de satisfação, mas a falta de um envolvimento emocional mais profundo e a dificuldade em criar um espaço de autenticidade relacional. Veja o que disse Diogo Carvalho, em seu livro relacionamento discipulador:

A primeira barreira é que nos acostumamos tanto com igrejas baseadas unicamente em programas e estruturas que, quando falamos em fazer discípulos, a primeira coisa que vem à nossa mente é criar um programa para tornar isso uma realidade. Então, fazemos uma lista do que precisamos: uma data disponível, um bom plano de divulgação, um slogan, um banner atrativo e, é claro, um líder a quem possamos delegar tudo isso. (Carvalho, 2016, p.35.)

O gráfico apresentado reflete essa dualidade. Embora o horário das reuniões seja um obstáculo para a presença de muitos irmãos, o formato das reuniões gerou um alto índice de aprovação, com 83,3% a 100% dos participantes expressando satisfação. No entanto, um dado crucial se destaca: apenas 66,7% dos homens se sentem à vontade para expressar sentimentos negativos ou frustrações, como ressentimentos. Esse dado indica que os anos de vivência em um modelo focado na performance pública contribuíram para a falta de comprometimento de muitos membros em se envolver mais profundamente, apesar de reconhecerem os benefícios das reuniões. O foco predominante na realização de eventos e na manutenção de uma agenda programática parece ter dificultado a conexão genuína entre os membros. Como resultado, o ambiente criado é aquele em que as relações ainda carecem de confiança e intimidade.

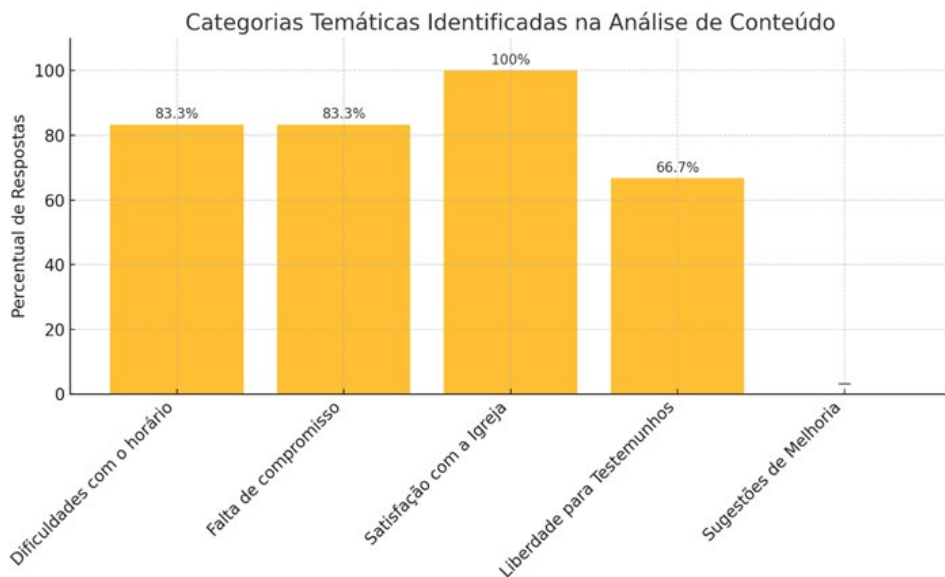
Além disso, o dado de que apenas 4,17% dos participantes sugeriram melhorias nas reuniões ressalta um outro ponto crítico: a falta de engajamento

profundo e responsabilidade compartilhada pela evolução da comunidade. A maioria dos membros se envolve ativamente nas programações dominicais, mas não se sente motivada a contribuir com ideias ou feedback para aprimorar o próprio ambiente de suas reuniões. Essa apatia demonstra que a igreja, ao priorizar eventos como o principal ponto de congregação, corre o risco de se tornar um espaço de consumo religioso, onde os participantes são espectadores passivos ao invés de membros ativos de uma comunidade vibrante e transformadora.

Este cenário evidencia uma desconexão entre os objetivos institucionais da igreja e as necessidades mais profundas de seus membros: o desejo de pertencimento genuíno, de criar relacionamentos profundos e saudáveis que sustentem o crescimento espiritual contínuo. Quando as atividades e os eventos substituem o cultivo de relações interpessoais e a vivência prática da comunhão cristã, a igreja perde seu papel de formadora de discípulos comprometidos e espiritualmente transformados, convertendo-se em um mero espaço de encontros pontuais. A busca por um modelo mais equilibrado, fundamentado nas Escrituras, que priorize as relações autênticas e promova um discipulado profundo, é essencial para o fortalecimento da comunidade e para o amadurecimento espiritual de seus membros.

Esse modelo deve refletir os princípios bíblicos de comunhão e crescimento mútuo, onde cada membro é desafiado a viver a fé de maneira autêntica. Isso implica considerar os desafios específicos de cada igreja, levando em conta tanto as questões internas quanto as relações com a comunidade ao redor. A igreja não deve ser vista como uma franquía ou um modelo único e pronto para ser replicado, como se fosse um pacote de ações que funcionaram em outras localidades. Pelo contrário, cada comunidade de fé é única e deve ser entendida dentro de seu próprio contexto, com suas particularidades e necessidades locais. O objetivo é viver e compartilhar a fé de maneira que seja relevante e eficaz para aquele contexto específico, respeitando as particularidades da comunidade e promovendo um discipulado genuíno e profundo. Veja outro resultado:

Figura 3



Fonte: Produção própria (2025)

OBSERVAÇÕES PRINCIPAIS DO GRÁFICO:

1. Dificuldades com o horário (83,3%) e Falta de compromisso (83,3%):

- Esses fatores, embora tenham sido considerados positivos por uma porcentagem significativa dos participantes, indicam que a organização da igreja, deve ser focada em eventos e horários definidos e adequada a vida de seus meus membros e seus compromissos. No entanto, a falta de compromisso pode sugerir que a não participação na reunião por esse motivo e sinal que se tiver algo, mas atraente os membros se faram presente, fruto da cultura consumista impregnada na igreja pela ênfase em programas.

2. Satisfação com a igreja (100%):

- A total satisfação com a igreja pode refletir um alto grau de aceitação em relação ao formato e à organização da instituição. No entanto, essa satisfação pode ser mais associada ao consumo de eventos e programas, em vez de uma verdadeira participação em relacionamentos comunitários autênticos, já que essa satisfação não muda a baixa frequência na reunião.

3. Sugestões de Melhoria (4,17%):

A baixa porcentagem de sugestões de melhoria revela um certo conformismo entre os participantes, que, embora satisfeitos com a estrutura da igreja, não

se sentem motivados a contribuir para mudanças. Isso pode ser um reflexo do foco em eventos, onde a ênfase no consumo do programa impede um senso de responsabilidade compartilhada e desenvolvimento de ideias para aprimorar o ambiente comunitário e espiritual.

O gráfico mostrou que a igreja, por sua ênfase, através de sua agenda de eventos organizados, afetou a profundidade relacional entre os membros. Esse desequilíbrio resultou em uma participação superficial, onde os membros podem estar mais concentrados em cumprir a agenda da igreja do que realmente engajados em construir vínculos espirituais e comunitários significativos.

Igrejas que decidem envolver seus membros e novos convertidos no processo de discipulado estão optando por desafiar as pessoas a experimentarem transformações profundas na vida, e ajustes diários para adaptar o caráter ao caráter de Deus. Este é um caminho de formação contínua, onde cada decisão reflete o compromisso com os princípios divinos e a mudança interior necessária para viver de acordo com os ensinamentos cristãos. (Campanha, 2015, p. 8)

O PERIGO DA INVERSÃO: O USO DOS PROGRAMAS COMO UM FIM EM SI MESMO

A construção de programas e eventos na igreja deve ser vista como uma ferramenta para o cumprimento da missão cristã e não como um fim em si mesma. No entanto, a realidade tem mostrado que as igrejas estão sendo cada vez mais avaliadas pelo sucesso dos eventos e pela frequência de participantes. Esse fenômeno, conhecido como consumo religioso, se traduz em uma espiritualidade fragmentada, onde os membros da igreja passam a viver sua fé de maneira isolada e superficial, sem um real comprometimento com o discipulado contínuo.

Ainda que a organização das atividades e a existência de um calendário comunitário sejam importantes para o bom funcionamento da vida eclesial, é preciso reconhecer que essas estruturas devem servir à comunhão, e não substituí-la. A administração de encontros e celebrações deve ser compreendida como um meio para o fortalecimento dos relacionamentos, e não como um fim em si mesma. Quando a performance pública se torna o centro da experiência comunitária, corre-se o risco de negligenciar aspectos essenciais da vida cristã, como a mutualidade, a partilha e o discipulado relacional. (Silva, 2024, p. 38).

A SUPERFICIALIDADE DA ESPIRITUALIDADE NOS MODELOS BASEADOS EM PERFORMANCE

Uma das maiores consequências desse modelo é a superficialidade espiritual que ele promove entre os membros da igreja. Ao invés de serem formados como discípulos maduros, os membros acabam sendo moldados como espectadores de uma experiência religiosa que está mais preocupada com a aparência e com o entretenimento do que com o desenvolvimento real da vida cristã.

O processo de discipulado, que deveria ser contínuo e relacional, passa a ser substituído por um ativismo religioso. Nesse cenário, os membros da igreja não têm mais espaço para se aprofundar em questões espirituais importantes, como o conhecimento profundo das Escrituras, a oração pessoal e a vivência diária do evangelho. Em vez disso, são arrastados por uma agenda de eventos que oferece pouco ou nenhum espaço para o discipulado relacional e contínuo.

Além disso, a falta de tempo para reflexão pessoal, para o crescimento espiritual genuíno e para o envolvimento em pequenos grupos resulta em membros que, ao longo do tempo, se tornam desconectados e desmotivados. O entretenimento, que deveria ser uma ferramenta para aproximar as pessoas de Deus, acaba desviando o foco da verdadeira transformação espiritual.

Uma das consequências mais evidentes desse modelo centrado na performance é a diminuição do compromisso dos membros com as atividades comunitárias durante a semana. A falta de engajamento em encontros menores, como os grupos de discipulado ou ministérios internos, reflete tanto o comodismo quanto a ausência de espaços que promovam pertencimento genuíno. A evasão observada nesses ambientes enfraquece os laços comunitários e compromete a formação espiritual contínua da igreja como corpo. (Silva, 2024, p. 39)

REDEFININDO A MISSÃO DA IGREJA: DISCIPULADO E RELACIONAMENTOS

A mudança de mentalidade nas igrejas é imperativa. O que precisamos urgentemente é voltar aos princípios bíblicos de formação de discípulos e relacionamentos autênticos. A igreja não deve ser apenas um espaço de encontros e eventos, mas um lugar onde o discipulado acontece de forma constante, onde os membros são chamados para crescer espiritualmente e viver o evangelho todos os dias.

Em minha pesquisa, ficou claro que o modelo de igreja baseado em performance não pode sustentar uma comunidade de fé saudável a longo prazo. O modelo que prioriza programas de entretenimento perde de vista o verdadeiro chamado da igreja: fazer discípulos. Isso exige relacionamentos profundos, que só podem ser estabelecidos em grupos pequenos, estudos bíblicos e momentos de convivência diária.

Os resultados da pesquisa também apontam para um distanciamento entre a celebração principal, geralmente realizada aos domingos, e outras expressões comunitárias do cotidiano da igreja. As reuniões locais e os encontros de grupos menores, que poderiam funcionar como espaços de cuidado, escuta e edificação mútua, são frequentemente desvalorizadas. Essa fragmentação da experiência comunitária evidencia a urgência de repensar, teologicamente e pastoralmente, o papel da presença relacional no desenvolvimento de uma vida cristã consistente. (Silva, 2024, p. 39)

Como afirmam Marshall e Payne (2015, p. 24-25), é necessário repensar as abordagens tradicionais no planejamento ministerial das igrejas. Eles sugerem que o foco inicial deve ser nas pessoas da congregação, permitindo uma reorganização dos ministérios em torno das necessidades e dons individuais, ao invés de partir de estruturas pré-existentes. Isso abre espaço para a eliminação de atividades que não tenham mais um propósito relevante, e possibilita a criação de novos formatos mais alinhados com o crescimento espiritual.

O DESAFIO DA LIDERANÇA: DISCIPULAR, NÃO ENTRETER

O papel do líder é essencial nesse processo de mudança. O pastor não deve ser apenas o organizador de eventos, mas o formador de discípulos. Isso exige que ele abandone a mentalidade de gestor de atividades e se dedique a cuidar dos membros de forma pessoal e espiritual. Ele deve ser o exemplo de vida cristã, investindo tempo no discipulado relacional, não apenas na realização de programações.

A verdadeira vitalidade de uma comunidade cristã não deve ser medida apenas pela sua capacidade de organizar eventos ou atrair grandes multidões, mas pela profundidade das relações que ela fomenta entre seus membros e pelo grau de comprometimento desses com a missão de Cristo. Em vez de se concentrar apenas em indicadores externos de sucesso, como o número de participantes em atividades, é fundamental avaliar como os indivíduos se relacionam uns com os outros e o quanto estão dispostos a viver os princípios cristãos no cotidiano. O verdadeiro crescimento da igreja está, portanto, no fortalecimento dos laços espirituais e na dedicação coletiva à missão que Cristo nos deixou. Quando os pastores e líderes priorizam o discipulado contínuo e a formação espiritual real, a igreja começa a se transformar em um lugar de cura, de cuidado mútuo e de crescimento. As programações e eventos, embora ainda necessários, são vistos como ferramentas para o discipulado e não como o centro da vida da igreja.

CONCLUSÃO: DISCIPULADO, NÃO ENTRETENIMENTO

A transformação que a igreja necessita começa com a mudança de paradigma. Não podemos mais continuar como se o sucesso da igreja fosse medido pelo número de eventos realizados ou pela frequência nas programações. A verdadeira saúde espiritual da igreja está no discipulado profundo, nas relações autênticas e na vivência diária do evangelho. O chamado para discipular deve ser o centro da nossa ação pastoral, e não o entretenimento ou a performance.

Muitas igrejas contemporâneas têm investido em estruturas ministeriais avançadas, utilizando tecnologia e produções de grande escala para atrair e envolver o público. Contudo, esse modelo de “sucesso”, focado em performance e visibilidade, pode desviar a igreja de sua verdadeira missão. Existe o risco de adotar estratégias eficazes como padrões a serem seguidos sem questionamento, ignorando que nem sempre o que chama atenção ou impressiona resulta em um crescimento genuíno no discipulado ou no amadurecimento espiritual da comunidade (Pope, 2017, p. 86).

E crucial que as igrejas reflitam sobre o verdadeiro propósito de suas atividades ministeriais. Embora a utilização de recursos tecnológicos e estruturas sofisticadas possa ser eficaz para atrair o público, isso não deve ser confundido com sucesso espiritual. A verdadeira missão da igreja não está em impressionar ou agradar visualmente, mas em promover o discipulado genuíno e o crescimento espiritual dos membros. A adoção indiscriminada de estratégias que apenas buscam visibilidade pode comprometer o foco da comunidade na edificação verdadeira e no fortalecimento das relações espirituais. Assim, é essencial que as igrejas busquem um equilíbrio entre inovação e fidelidade ao seu chamado de formar discípulos, priorizando sempre a profundidade das conexões espirituais em vez de simplesmente seguir tendências externas.

REFERÊNCIAS

SILVA, Diogo Bruno Ferreira. **A fragilidade nos relacionamentos eclesias: impacto nas igrejas baseadas em performance e presença**. 2024.. Tese (Doutorado em ministério) — Faculdade de Teologia Abecar, 2024.

MARSHALL, Colin; PAYNE, Tony. **A treliça e a videira: a mentalidade de discipulado que muda tudo**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015

POPE, Randy. **O discipulado na igreja local**. Tradução de Nair Chagas. Viçosa: Ultimato, 2017

CAMPANHA, Josué. **Discipulado que transforma: princípios e passos para revigorar a Igreja** /. — São Paulo :Hagnos, 2015.2Mb ; ePUB

CARVALHO, Diogo. **Relacionamento discipulador**. 2. ed. Rio de Janeiro: JMN, 2016

Um Novo Começo: Convocação para Última Hora

Adilson de Jesus

“E ao anjo da igreja que está em Filadélfia escreve: Isto diz o que é santo, o que é verdadeiro, o que tem a chave de Davi; o que abre, e ninguém fecha; e fecha, e ninguém abre. Conheço as tuas obras; eis que diante de ti pus uma porta aberta, e ninguém a pode fechar; porque tendo pouca força, guardaste a minha palavra, e não negaste o meu nome”. (Ap 3:7,8).

“E ao anjo da igreja de Laodiceia escreve: Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus. Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente! Assim, porque és morno, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu; Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e roupas brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas. Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê pois zeloso, e arrepende-te. Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei até ele, e com ele cearei, e ele comigo”. (Ap 3:14-20).

Neste último capítulo, pretendemos fazer uma análise dos momentos opostos vividos por uma igreja ou indivíduo, no tocante ao seu relacionamento com Deus. Desejamos pontuar a partir de uma vida de satisfatório envolvimento com Deus, posterior declínio espiritual e por fim a possível retomada para uma ascendência, a partir do ponto da queda. Comparando com uma manobra de aviação, vamos procurar encontrar pontos relevantes entre a estabilidade de voo e a queda de nível, e entre a queda de nível e a arremetida.

Tomaremos como base as duas cartas apocalípticas: Filadélfia e Laodiceia, tendo em vista as posições antagônicas ocupadas por aquelas igrejas conforme as afirmativas do próprio Jesus, não nos prendendo a qualquer outro teor, a não ser os seus respectivos relacionamentos com Deus.

UMA LEITURA DAS CARTAS

Filadélfia

Desta igreja o Senhor diz que: ela tinha pouca força, guardava a sua Palavra e não negava o seu nome.

a) Ter pouca força é uma das condições mais revelativas do ser humano. Ainda no Éden essa natureza foi revelada de forma tal, que ninguém há de sã consciência que possa negar esta verdade, a menos que esteja em lapso de engano acerca de si mesmo. O comportamento inicialmente de Eva, que sem qualquer resistência curvou-se ao apelo do diabo, e posteriormente de seu marido Adão, que conforme teor escriturístico, simplesmente atende à orientação da sua mulher e também desobedece à vontade do seu Criador, e ambos conscientemente (Gn 3:1-6), expõem notoriamente para todo tempo da existência humana o quão fracos somos de caráter.

O apóstolo Paulo entendendo esse viés da natureza humana, e vivendo dolorosamente o embate entre sua consciência em querer agir agradavelmente a Deus e não encontrando forças suficientes para se sobrepor à sua fraqueza desabafa: “Miserável homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?” (Rm 7:24). O reconhecimento da fragilidade deve resultar em busca de socorro incessante àquele que tudo pode, e que se apraz em vir em nosso favor. O apóstolo entende isso perfeitamente e credita sua vitória sobre a sua natureza justamente a quem lhe concedeu: “Dou graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor.” (Rm 8:25). E Jesus já havia despertado seus discípulos no Getsêmani sobre esta realidade. (Mt 26:41).

A igreja em Filadélfia se mantinha firme em agradar ao seu Deus. Era consciente da sua pouca força, mas sabia depender e recorrer ao socorro que do alto vem.

b) Guardar a Palavra de Deus, é o que Ele espera de todo aquele que dEle se aproxima. Contudo, não é tarefa fácil, mesmo na melhor das condições de vida que possamos estar vivendo. Isto porque o agente que mais nos é por empecilho para nossa obediência à Palavra de Deus é o nosso ser interior. É comum entre a maioria dos cristãos ver o pecado como algo externo que vem agressivamente ao nosso encontro e nos ataca. Isso não é verdadeiro, e os que assim pensam, serão sempre presas fáceis. Tiago diz que cada um de nós somos engodados pela nossa própria concupiscência (Tg 1:14). Com isso, podemos afirmar que o nosso maior inimigo somos nós mesmos. E, se diariamente agente consegue vencer à nossa própria concupiscência, será inevitável a nossa vitória sobre os demais inimigos.

Nota-se que a igreja em Filadélfia era vitoriosa nesse quesito, por isso ela avança adentrando as portas que lhe são abertas pelo Senhor. É guardando a Palavra de Deus que o cristão usufrui o melhor dos céus, tanto a favor da sua própria vida, como da vida de tantos outros.

c) Não negar o nome do seu Senhor, é conduzir-se ante o olhar dos demais humanos, de forma que focados em nós, em nada eles tenham que pensar ou proferir contra Deus, sua Palavra e seu povo. Talvez a maior lembrança que nos vem à mente nesse mister, é a pessoa de Pedro, que por três vezes negou ao Senhor Jesus, que naquele momento estava sendo julgado pelas autoridades judaicas (Mc 15:66-71). Essa foi uma forma direta de negação, mas tantas outras formas de falar ou agir expressa negação a quem nos ama, nos quer e nos é fiel em todo tempo. Aquela igreja, se mantinha como testemunha viva da existência e poder de Deus, através do seu viver, em um mundo corrompido. (Fp 2:15).

A condição de Filadélfia ante o olhar de Deus era de aprazível, inculpável e irrepreensível; condição que todos os filhos de Deus devem perseguir.

Laodiceia

Desta o Senhor aponta: Seu dual desejo entre o mundo e Deus, sua ufanação, sua desgraça, sua miserável pobreza, sua cegueira e sua nudez.

a) Desejar o mundo e Deus ao mesmo tempo, revela ausência de determinação. Entende-se esta condição de alguém tomado de dois sentimentos: o temor da perdição eterna pelo conhecimento da Palavra, e o desejo de desfrutar de tudo que o mundo oferece. Esta condição seria outra se o amor a Deus assumisse lugar em nossos corações, pois amar a Deus de verdade é viver para Ele acima de todas as coisas ou pessoas. O genuíno amor a Deus impossibilita qualquer coração de por no espaço que é de Deus, um outro elemento. (Mt 6:24).

b) A ufanação lega ao ser humano uma posição de orgulho e altivez. O ufanado ancora seu sentimento de grandeza naquilo que ao seu ver lhe traduz segurança, como a riqueza material, a fama, a intelectualidade, o poder, etc. Laodiceia gozava de uma condição financeira boa, o que a fazia imaginar que era isso suficiente para sua caminhada, esquecendo-se do Reino de Deus e sua Justiça, que é o essencial para os filhos da salvação. (Mt 6:33).

c) O estado de desgraça de Laodiceia, exposto por Aquele que por ela morreu, é uma chamada explícita de que nosso anelo pelos elementos reprováveis deste mundo, nos deixa distantes do centro profícuo da graça de Deus. O que há de se destacar aqui dentre tantas outras observações, é que a igreja não sentia esse seu estado deplorável, e isto porque estava embriagada pela posse dos muitos bens materiais. Ela se põe como representante fiel de irmãos e igrejas que atribuem seu bem-estar com Deus, pela medida das bênçãos materiais que as têm recebido. Toda sorte de benesses materiais é proveniente da bondade de Deus, e isso Ele dispensa a todos humanos, pelo seu trabalho justo e honesto, fazendo cumprir o princípio da sementeira. Costumo sempre chamar a atenção quando me é oportuno, para o fato de que existe um número não pequeno de pessoas que sequer temem a Deus, todavia são fartas, possuindo bens que não se comparam com o pouco que a maioria de nós cristãos possuímos. (Mc 8:36).

d) A miserável pobreza constatada por Deus, no existir daquela igreja, denuncia o quanto ela estava distante de Deus. Distanciados de Deus não usufruímos nada

do que Ele tem a oferecer, e que somos extremamente necessitados: amor, fé, sabedoria, poder e graça. O estado de miséria espiritual é doloroso na vida de quem crer verdadeiramente em Deus. A real riqueza para nós humanos é possuir os elementos necessários para estarmos bem com Deus, com o próximo e conosco mesmos. Quando imaginamos por exemplo na paz, um item de incalculável valor e imprescindível ao nosso bem-estar, e que só em Cristo podemos encontrá-la (Jo 14:27), como pois arriscaríamos um distanciamento da sua presença? Nenhum esforço ou sacrifício deve ser poupado para nos mantermos anelados com o Provedor das nossas vidas.

e) A condição de cegueira de Laodiceia, nos arremete a pensar no cego filho de Timeu, curado por Jesus em Jericó (Mc 10:46-52). Trazemos este exemplo de realidade de vida no corpo, para tentar melhor expressar a situação da entenebrecida igreja. Quando nos atemos ao relato bíblico, nos vem à mente a real situação daquele homem. Seu ardente desejo, sua atitude e o resultado obtido. Indiscutivelmente a cegueira é a deficiência física mais deprimente para alguém, em virtude das impossibilidades inerentes, e a pior delas, ver o mundo ao seu redor. Não nos esqueçamos que a cegueira é a incapacidade de ver a luz. Obviamente, nenhum desejo é maior em um cego que a possibilidade de ver. E ele embriagado desse desejo, ao perceber um ceitil de possibilidade de torná-lo em realidade, ele age gritando em direção a uma multidão que por ali passava seguindo aquele que pode tornar o nosso impossível em possível, por quem ele clama incessantemente: Jesus, filho de Davi! Tens misericórdia de mim! Embora muitos lhe reprimissem para que se calasse, a força do seu desejo foi maior, e o Senhor lhe escuta, lhe chama, identifica o seu desejo e lhe atende; e em novidade de vida segue a Jesus pelo caminho.

Nossa atenção aqui é para o fato de Laodiceia não se incomodar com seu estado e conceitua-lo como 'tudo bem'. Reconhecer a nossa ruim situação, e desejar mudá-la, é o que precisamos para começarmos a agir em prol de uma saída.

f) A nudez nos expõe à vergonha. Jesus tenta despertar a igreja para sua postura vergonhosa perante ele. Talvez este chamado para aquela igreja, seja suficiente para trazer às nossas lembranças o ocorrido no Éden com Adão e Eva, que a vergonha de estarem nus, os fez se esconderem de Deus (Gn 3:9,10). O viver de todos nós deve ser de tal modo a não nos envergonharmos ante a presença do nosso Deus e Senhor. Mudar a situação é necessário, pois a vergonha nos é por divisão entre nós e Ele.

NÃO CAIR É A ORDEM

"Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia". (I Co 10:12).

Depois de alcançados pela graça salvadora do nosso Senhor Jesus Cristo, levantados da sarjeta e postos de pés diante da presença do nosso Criador; agora lavados, remidos e justificados pelo sangue do Cordeiro Imaculado, na condição de filhos amados, detentores do Espírito Santo em nosso ser, estamos em plena

condição de nos mantermos de pés. Cair, será de agora em diante uma opção nossa. Como assim? Diria você, se tantos caíram no decorrer da caminhada? É pertinente o seu questionamento, e ele tem uma resposta: Os que caíram é porque não atentaram para orientações explícitas e claras nas Escrituras, e durante a queda não se deu conta que estava caindo, apesar dos avisos.

O Que Pode Nos Levar à Queda

a) A falta do conhecimento da Palavra de Deus - Em Oséias 4:2 lemos a afirmação de Deus, de que seu povo foi destruído porque lhe faltou o conhecimento. E no mesmo livro, 6:3, temos o apelo: “Então conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor”.

A falta de busca ao conhecimento sobre Deus, sobre nós mesmos, sobre os planos de Deus para conosco, sobre a natureza espiritual existente; deixa quem quer que seja caminhando às escuras, com toda probabilidade de queda a qualquer instante. A Palavra de Deus está em nossas mãos, e ela tem tudo que precisamos saber para nos mantermos de pés e caminhando na direção e sentido corretos. O salmista reconhece esta necessidade: “Lâmpada para os meus pés é a tua palavra, e luz para o meu caminho”. (Sl 119:105).

b) Não levarmos a sério a Palavra de Deus - O conhecimento da Palavra de Deus só terá efeito positivo, tão somente se reconhecermos a sua essência verídica e lutarmos para se tornar prática em nossas vidas. Jesus ensaja essa vulnerabilidade ao assemelhar o que assim se porta, a alguém que constrói sua casa sobre a areia, que diante do primeiro vendaval rui, (Mt 7:26).

c) Confiarmos em nossas próprias capacidades - Como é comum aos nossos ouvidos “Maldito o homem que confia no homem, e faz da sua carne o seu braço”. (Jr 17:15). A exaltação, a altivez e o orgulho, são elementos que ao se fazerem presentes na vida de quem quer que seja, é certo que este alguém começará a ruir.

CAIR É COMPREENSÍVEL, MAS FICAR PROSTRADO NÃO

Ninguém jamais dentre os humanos poderá alimentar-se da ideia de que se manterá espiritualmente de pé o tempo todo, sem que venha sofrer um tombo em algum momento da caminhada. Todavia, um tombo não significa estar derrotado, isto porque este estado não é agradável a Deus, e tem Ele todo interesse de nos mantermos em pé ante a sua presença (I Co 10:12). Deus nos quer ver erguidos, em plena atividade no que é devido a todo cristão: lhe adorando, cuidando da comunhão congregacional, anunciando sua gloriosa graça, e isso com grande ânimo.

Um genuíno filho de Deus, aquele que de fato nasceu de novo, não tem prazer em pecar (I Jo 5:18). Ele não tem mais conformação com o pecado, ele não quer pecar em tempo algum ou circunstância, ele procura fugir a todo tempo e custo da possibilidade de pecar. Mas a sua condição ainda neste corpo da carne, não lhe permite a garantia de que não irá acontecer. Por isso, contrariamente à sua vontade, em um descuido, o pecado termina encontrando ocasião, e a queda se

torna real. A partir desse momento, há repentinamente uma mudança drástica na sua vida, que exigirá dele muito esforço e determinação.

A seguir apontaremos alguns aspectos da nova condição que se encontra agora o delituoso.

Aspectos Desfavoráveis

a) Comunhão agravada com Deus - Ninguém em pecado poderá desfrutar da plena comunhão com seu Criador. Daí as inúmeras advertências escriturísticas a que façamos tudo para não pecar. O amargor desse estado muito maltrata a alma. Com a comunhão agravada com Deus, somos impossibilitados de usufruir dEle tudo que precisamos para estarmos bem. Destaco o gozo (felicidade), e a paz que nos abandonam, causando a secura da alma. Ouçamos a Davi nos seus dias de pecado: “Quando eu guardei silêncio, envelheceram os meus ossos pelo meu bramido em todo o dia”. (Sl 32:3). E, “Não me lances fora da tua presença, e não retires de mim o teu Espírito Santo. Torna a dar-me a alegria da tua salvação, e sustém-me com um espírito voluntário”. (Sl 51:11,12). Seu clamor expressa a agonia do seu coração, em razão da cessação da sua intimidade com Deus, e as incertezas de como Ele continuaria a agir em relação à sua pessoa, uma vez que era consciente do seu estado de pecado.

b) Condição ideal para o agir de satanás - A perspicácia do inimigo das nossas almas é intensa e permanente. Coisa que lhe é perfeitamente agradável é fazer um filho de Deus pecar. Ele sabe que quando ele consegue este feito, sua presa estará em permanente vulnerabilidade, o que lhe fará intensificar suas ações para levar sua vítima às suas cadeias de dores e esterilidade espiritual.

c) Sentimento profundo de culpa e vergonha - O genuíno filho de Deus, consciente do seu erro, é traspassado como que por uma lâmina cortante no seu sentimento de culpa e vergonha, perante Deus e seus irmãos. Deixo aqui as advertências de Paulo e Pedro: “Não deis lugar ao diabo” (Ef 4:27) e, “Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda ao derredor, como leão bramando, buscando a quem possa tragar” (I Pe 5:8).

d) Debilidade espiritual - Os aspectos anteriormente relacionados impõem ao homem uma debilidade espiritual, profunda e crescente, de modo que tomar atitudes contrárias a esse estado torna-se uma considerável batalha, como quem escala uma íngreme montanha em condições adversas.

Aspectos Favoráveis

a) O conhecimento da fragilidade humana - Não é comum o ser humano reconhecer suas fraquezas enquanto elas não lhe empurram contra o solo. Uma vez tombado, é impossível a uma sã consciência não perceber com clareza esta verdade. E isso é o ponto de partida para empreender a ascensão.

b) A dependência de Deus - Atentando para a sua condição de aguda fraqueza, o caído entenderá que só mesmo Deus, com suas fortes mãos poderá resgatá-lo das profundezas do abismo em que se encontra. O que lhe é conveniente não perder

tempo e se derramar ante o seu Senhor e Pai, para gradativamente poder estar erguido outra vez (Sl 37:24; 145:14).

LEVANTANDO-SE PARA NÃO MAIS CAIR

Deus está sempre pronto e desejoso a levantar o seu filho. Apesar de não ser fácil, a retomada sempre será uma realidade, quando Deus é permitido agir. Lembrando-nos de Davi, somos sim seguros que o Senhor nosso Deus é misericordioso, e por sua misericórdia, apesar do nosso estado inaceitável de pecado, Ele vem até nós e nos levanta. Contudo, precisamos demonstrar o nosso querer em atitudes.

Voltando-nos à situação de Laodiceia, analisemos as orientações que lhes foram dadas pelo Senhor.

“Aconselho-te que de mim compres ouro provado no fogo, para que te enriqueças; e roupas brancas, para que te vistas, e não apareça a vergonha da tua nudez; e que unjas os teus olhos com colírio, para que vejas. Eu repreendo e castigo a todos quantos amo; sê pois zeloso, e arrepende-te. Eis que estou à porta, e bato; se alguém ouvir a minha voz, e abrir a porta, entrarei até ele, e com ele cearei, e ele comigo” (Ap 3:18-20).

Aconselho-Te

O tom da conversa é de orientação e apontamento a uma direção de condutas, para que aquela igreja viesse a ter a possibilidade de sair do caos espiritual no qual se encontrava. Pensarmos que acomodados, lamentosos, retraídos, melancólicos e ressentidos com Deus e os homens, teremos qualquer chance de num piscar de olhos sairmos do caminho de morte para o caminho de vida, estaremos completamente enganados.

O Senhor aconselha, e aconselhar é apontar atitudes a serem seguidas. Apesar de detentor de todo poder e também da propriedade da igreja, Jesus não impõe, não a toma pelo braço forçosamente para levá-la ao ponto do seu intento, porém a aconselha a dar passos determinados para que pudesse sair daquelas circunstâncias e voltar à fértil caminhada ao lado dEle.

De Mim Compres Ouro Provado no Fogo

A igreja em estado de miséria espiritual, entendia serem seus bens materiais teor de contentamento como elevada riqueza, e portanto autonomia e independência.

O que ela precisava para sua mudança espiritual só Ele tem - “de mim compres”. O reerguimento de quem está prostrado encontra-se nas riquezas advindas do Senhor. Vim até Ele é a ação primaz e conveniente que qualquer caído precisa.

Vestes Brancas

O Senhor houvera dito que a igreja estava nua perante Ele e todos, de maneira que a vergonha da sua nudez estava exposta. Ela precisava vestir-se. Mas não apenas vestir-se, era imprescindível que suas vestes fossem brancas, representação de pureza, justiça e santidade. Àquela altura, parecia já não haver mais nada naquela igreja que agradasse ao seu Senhor no tocante aos itens do seu caráter, sinais claros de queda total.

Unjas os Teus Olhos com Colírio

O acometimento da cegueira detectada pelo Senhor lhe impedia de retomar a jornada. O estado de alguém caído é tão terrível que aos poucos lhe vai sumindo a estrada a seguir, não lhe restando em certo tempo na sua mente qualquer vestígio do verdadeiro e vivo caminho. Contudo, Ele tem o colírio que inevitavelmente lhe trará a clareza da vastidão à sua frente a ser vencida até o céu de glória.

Sê Pois Zeloso

O zelo apontado por Jesus para Laodiceia denota a sua indiferença para as coisas inerentes ao Reino do Céus. A queda proporciona sentimentos de frieza para com a essência espiritual, desejando e satisfazendo-se com tudo que é carnal e mundano. O amor a Deus e ao seu projeto é substituído pelo amor ao mundo caído, prevalecendo assim a lógica, de que se alguém está caído seu alcance de satisfação resume-se apenas ao que está ao seu redor. O que é espiritual está além das suas possibilidades sensoriais. E devemos ser conscientes que amar ao mundo é declaração de inimizade para com Deus (Tg 4:4; I Jo 2:15-17).

Arrepende-Te

Quem jamais em condição de distanciamento de Deus, mergulhado na sordidez do mundo em sua depravação, conseguirá se achegar a Ele a não ser que se arrependa? O arrependimento que é a consciência do estado contrário em que se encontra em relação à boa, perfeita e agradável vontade de Deus, revelada na sua Palavra, e o repentino desejo de abandono a esta condição, destrói toda e qualquer barreira entre o homem e Deus, tornando viável o seu resgate, pela misericórdia que de Deus é inerente (Pv 28:13).

Se Ouvir a Minha Voz

É impossível a qualquer leitor das Santas Escrituras ao deparar-se com esse texto não ter a compreensão de que aqui Jesus se revela como em tantas outras vezes, como aquele que tem alto interesse por cada um de nós, e por isso não se cansa em chamar-nos para momentos relacionais nos quais Ele destilará aos nossos ouvidos a seiva vital da sua vontade para conosco. Todavia, nos é conveniente observar que o estado de frieza espiritual nos coloca aversos à Palavra de Deus. Bem verdade que suas palavras de amor confesso a nós, são bem aceitas.

Tratando-se porém do seu discurso exortativo, apontando nossa real condição de miserabilidade, nos é agravante sobre maneira, isto porque nos soa como anúncio de disciplina, e nenhum ser humano é agradável às ações disciplinares. Não obstante, é esse o teor da mensagem que precisamos ouvir, se ainda há interesse de se alcançar áureos dias com Ele.

“Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois então bastardos, e não filhos” (Hb 12:8).

E Abrir a Porta

A porta fechada é a expressão clarividente da separação de Deus. É a barreira posta por nós mesmos de enclausuramento, e desde então passamos a viver a nossa própria vida, lastrada em nossos próprios desejos, planos e visão. Apesar da nossa alma arder em anelo pela presença ativa do Espírito Santo nos dominando e conduzindo pelo santo caminho, nosso orgulho, altivez, mágoas ou ressentimentos, são os ferrolhos que com maldita força mantém a porta fechada. Abrir a porta é se permitir à operação divina, que mais uma vez expulsará as impurezas da casa com seus prováveis invasores, proporcionando um ambiente limpo e sem empecilhos para que seu reino assuma lugar no trono da nossa alma, e assim outra vez com Ele nos banquetearmos com porções espirituais inimagináveis em conagração perene. “entrarei na sua casa, e com ele cearei, e ele comigo” (Ap 3:20).

É bom que aqui se esclareça, que os ferrolhos são internos, e nós mesmos temos a incumbência de retirá-los, abrindo a nossa casa (coração), inteiramente para o dono dela, para que a limpe e ornamente a seu bel prazer para sua habitação.

NÃO HÁ MAIS TEMPO PARA A PROCRASTINAÇÃO

“E isto digo, conhecendo o tempo, que é já hora de despertarmos do sono; porque a nossa salvação está, agora, mais perto de nós do que quando aceitamos a fé” (Rm 13:11).

Neste mesmo livro supracitado, mais precisamente 6:4, o apóstolo Paulo nos assevera que agora ressuscitados para a glória de Deus Pai, devemos andar em “novidade de vida”. Essas palavras nos esclarece que ao operar em nós a transformação espiritual, isto é, nos livrando do estado de deformação operado pelo pecado, que nos tirou da forma original, Jesus nos propõe uma caminhada crescente. Figuradamente é algo que se move em sentido frontal e para cima. Devemos prosseguir em frente, esquecendo-nos “das coisas que para traz ficam” (Fp 3:13), nos afastando cada vez mais das coisas pertinentes a esta vida aqui. Ou seja, a cada hoje devemos estar adiantados em relação a ontem no caminho, e mais distantes da terra e mais próximo dos céus.

O Nosso Tempo Está Acabando

Meu querido irmão ou irmã que nos dá a honra examinando esse nosso escrito, não deixe que esta mensagem seja relaxada na sua mente: "... o tempo está próximo" (Ap 1:3).

Diante do que os meus olhos veem e meus ouvidos ouvem, diante das imagens e sons que ecoam dos quatro cantos da terra, a mais extensa argumentação que aqui viesse a fazer, ofuscada seria pela realidade que eu e você estamos vivendo. Responda a si mesmo, depois de um exame nos textos escatológicos de Jesus, a exemplo dos capítulos 24 e 25 do Evangelho segundo Mateus e o capítulo 21 do Evangelho que escreveu Lucas: O que nos resta acontecer de todos os sinais por Ele apontados como prenúncio da sua gloriosa aparição? Estamos na iminência do Leão por essência e Cordeiro por submissão abrir o "livro selado", e todo mistério de Deus ser desvendado pela humanidade.

Olhemos Para Nós Mesmos

Diante de qualquer palavra que nos confronte, a primeira atitude de quem diz amar a Deus e deseja ardentemente vê-lo face a face e adorá-lo eternamente envolvido com sua glória, sem dúvida é olhar para dentro de si e fazer uma análise da sua vida comparando com a Palavra de Deus armazenada no coração. Cada pensamento, cada palavra dita e cada atitude. Certamente todos quantos ensinados são com a Palavra de Deus, saberá sua real condição espiritual.

O salmista diz: "Escondi a tua Palavra no meu coração, para eu não pecar contra Ti" (Sl 119:11). A Palavra de Deus habitando em nós, significa determos o conhecimento necessário da vontade de Deus para conosco, nos restando apenas desejarmos fazê-la e buscarmos isso, não importando o preço que tenhamos que pagar. As dores advindas do "sacrifício" que temos que apresentar a Deus diariamente, com seus qualificativos: "vivo, santo e agradável"; com a atenção e esforço pleno e constante de não "tomarmos a forma deste mundo", nos deixando ser "transformados pela renovação do nosso entendimento", processado pela Palavra que guardada em nós está. (Rm 12:1,2).

Olhemos Para Cristo

Como antes já dito, nunca será fácil um recomeço promissor em qualquer aspecto do nosso viver, e muito mais no espiritual. Nunca será salutar confiarmos em nossas próprias forças ou recursos. E isso já provado ao que caído está, pois se assim fora, certamente não cairia. E por mais que não se consiga entender, a queda de qualquer um começa ao ser enganado quanto ao que é capaz no tocante às coisas do espírito. Não podemos nos referir ao tempo que lhe foi preciso para a obtenção desse reconhecimento, mas Paulo o revela ao dizer: "pois, quando sou fraco, então é que sou forte" (II Co 12:10).

Sua compreensão era que, diante das dores e tribulações que lhe eram companheiras permanentes, que deixava abatido o seu corpo, ele sabia que o

prosseguir só lhe era possível porque o Senhor Jesus Cristo lhe fortalecia por seu Espírito.

Sejamos conscientes que por nós mesmos não nos materemos de pé. E uma vez caídos, jamais nos ergueremos, não for pelo poder do seu amor em nós.

Aos que de pé estão, mantenham-se com olhos fixos no vosso Redentor. E aos que caídos, além disso, ergam vosso clamor ante Ele, com um coração quebrantado e contrito. Ele vos ouvirá e vos levantará.

CONCLUSÃO

Relacionar-se com Deus e usufruir o que dEle necessitamos - amor, fé, sabedoria, poder e graça, é o que todo Cristão precisa cuidar. Fomos por Ele chamados, justificados, regenerados, santificados e feitos filhos legítimos do seu amor, para vivermos uma vida relacional com Ele cada vez mais intimada. Enquanto cresce o nosso envolvimento com Ele, vamos nos fortalecendo para nos tornarmos capazes de vencermos tudo que vai se pondo à nossa frente como obstáculo para uma caminhada próspera e um fim glorioso.

Cristo nos foi oferecido e se deu em sacrifício, a fim de que pudéssemos ter vida abundante aqui, e de glória na eternidade. Não podemos desconsiderar isso jamais, por dois relevantes motivos: Primeiro, ou assim vivemos em uma robustez espiritual crescente, ou enfraquecidos pararemos no percurso, com prejuízos incalculáveis, que se tornarão reais em futuro breve, no Tribunal de Cristo (II Co 5:10). Segundo, sermos contados com aqueles que não dão o devido valor ao alto preço pago por nós na cruz cruel (I Pe 1:18, 19). Nenhum de nós queiramos ser classificado com os ingratos. Lhes digo que será amargurante.

Andemos atentos a cada passo dado, livrando-nos dos tropeços, laços e embaraços, para que não caiamos. Contudo, se por um descuido o indesejável acontecer, não fiquemos prostrados e acomodados, como isso fosse normalidade. Não! A ordem é não cair (I Co 10:12). Caindo, exprimamos força, clamemos pelo teu Senhor a todo peito com arrependimento e lágrimas. Certamente pela sua bondade e propósito para com nossas vidas, nos atenderá e virá a nosso favor com seu perdão e seu poder, com mãos estendidas que nos levantarão e nos porão outra vez de pé a caminhar o caminho a nós proposto, rumo ao destino determinado por Deus Pai, nos apontado por Jesus Cristo seu filho e ajudados a seguir pelo seu glorioso Espírito Santo que em nós está (Ef 1:3-14).

Gilberto Cipriano do Nascimento

É historiador (Universidade Estácio de Sá), especialista em Educação de Jovens e Adultos (Universidade Estácio de Sá) e em Tecnologias Educacionais e Educação a Distância pelo (IFRN). Possui também especialização em Filosofia (FAVENI) e em Teologia e Educação Cristã (FASU). É formado em Liderança Cristã pela Faculdade Internacional Cidade Viva. Concluindo a especialização em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena (FACIBE). Mestre em Teologia pelo Instituto de Formação Acadêmica (FATEB). Mestrando em Educação pela Ecumenical World University Estado da Flórida – EUA. Atua como professor, pastor, escritor, palestrante e líder com experiência na área de Educação, com ênfase em formação cristã.

Livros publicados pelo autor:

- As Sequelas do Escravismo no Brasil Contemporâneo. 1ª ed. Ponta Grossa – PR: Aya Editora, 2025. 100p.
- A Educação Cristã no Brasil e a Escola Pública do Século XXI. 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2024. 47p.
- Sala de Aula Invertida: Uma Metodologia de Interação para o Ensino-Aprendizagem de Sujeitos da EJA. 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 73p.
- Sala de Aula Invertida: Uma Metodologia de Interação para o Ensino-Aprendizagem de Sujeitos da EJA. 1ª ed. Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 72p. (edição alternativa)
- Desafios da educação na contemporaneidade 7 - Educação no Brasil e a cultura digital - Gilberto Cipriano do Nascimento. Capítulo 27; Ponta Grossa: Aya Editora, 2023. 424p.
- Saberes Tecnológicos para Práticas Pedagógicas. Capítulo 1 – Organizador. 1ª ed. Rio de Janeiro: AG Publicações, 2021.



AYA EDITORA
2025